

ANO XIV
1956
4773
PREÇO \$50

DIÁRIO POPULAR

LISBOA
4.ª feira
20
Janeiro

Director: FRANCISCO DA CUNHA LEÃO

Editor: R. Pinheiro de Oliveira — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Redacção, Administração e Oficinas: Rua Luz Soriano, 67 — Telefones: 29201/2/3 — Telegramas: «Popo»

DIÁRIO POPULAR
BIBLIOTECA MUNICIPAL CENTRAL DE L.

NA POSSE DOS NOVOS QUADROS DA UNIÃO NACIONAL

SE NÃO QUEREMO
QUE O COMUNISMO AVANCE
PRECISAMOS DE ELIMINAR AS CONDIÇÕES DO SEU PROGRESSO

— afirmou o sr. Presidente do Conselho no seu discurso

Na cerimónia de posse dos novos quadros da União Nacional, o sr. Dr. Oliveira Salazar pronunciou ontem ao fim da tarde, na sede daquele organismo, um discurso pelo qual com a sua lucidez consagrada, apresentou mais uma vez ao País uma reflexão profunda sobre a política interna portuguesa na conjuntura mundial.

Publicamos na íntegra tão importantes declarações.

Fui solicitado para dar posse aos presidentes das comissões distritais e aos membros de outros órgãos superiores da União Nacional e faço-o gostosamente. Com os actos de de-

sacção e eleição realizados nos últimos meses quis-se, em obediência aos Estatutos, assegurar a renovação dos corpos dirigentes do orga-

nismo e facilitar o acesso à vida política de novos valores.

O meu primeiro dever é dirigir a todos uma expressão de sincero reconhecimento — a uns pelo trabalho realizado e pelos sacrifícios que houveram de suportar durante o seu mandato, a outros pela disposição de servir com que ascendem a estes lugares e tomam a sua parte de responsabilidade na condução dos negócios comuns. Verifiquei ter havido em todos os actos compreensão das situações e emulação salutar e que se puderam evitar nas competições toda a gama de resíduos que em geral as acompanham, desde as decepções às ofensas. Alegremo-nos por isso.

O meu segundo dever é justificar a minha presença aqui e o confiado prazer de ter vindo assistir a marcada reunião de políticos num organismo político — eu que tantas prevenções tenho manifestado, e tão cordalmente desadogado a política. Esta aparente contradição exige umas palavras de esclarecimento.

(Continua na 5.ª página)

«SE HÁ SACRIFÍCIOS
A FAZER
ANTES A POLÍTICA
SEJA SACRIFICADA
AO GOVERNO
QUE O GOVERNO
SE SACRIFIQUE
À POLÍTICA»



O sr. prof. dr. Oliveira Salazar pronunciando o seu discurso



Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira

O PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHKEK DE OLIVEIRA

FALA PARA O «DIÁRIO POPULAR» EM PARIS E COLÓNIA

«SOMOS UMA COMUNIDADE FRATERNA
QUE O ATLÂNTICO UNE E JÁ NÃO SEPARA»

DO NOSSO REDACTOR-CORRESPONDENTE EM PARIS, JOSÉ AUGUSTO

PARIS — Toda a ambição — certeza! — do futuro se contém nestas frases: «Há 50 anos, os Estados Unidos não eram nada. Hoje, são a potência-piloto do Mundo Ocidental. O Brasil, cada dia que passa, é mais poderoso. Somos o quarto país do Mundo em superfície territorial — oito milhões de quilómetros quadrados — mas contamos somente 60 milhões de habitantes e estamos na décimo-quarta posição no comércio mundial. Cada dia que passa somos mais — todos os anos, nascem dois milhões de pequenos brasileiros — e temos possibilidades extraordinárias de ordem económica. Amanhã, o Brasil...»

A expressão viva do olhar como que se embacia, semicerra os olhos, como a ver a distância. E vê estradas a cortar a selva, cidades novas construídas pelos discípulos de Le Corbusier, usinas fumegantes, frigoríficos gigantes a desfiar a crueza do sol, rios disciplinados, portos treuando os seus braços de ferro para o céu; e vê meninos do Mato-Grosso a sair da escola com novos deveres de corografia: o Brasil maior, todo conhecido, redescoberto pelos homens de hoje, continuadores esclarecidos dos bandeirantes do Século XVIII...

A MARMITA DE PAPIN TROPICAL

Amanhã, o Brasil...

O neto do emigrante austríaco («Meu avô nasceu num lugar que então era da Alemanha, hoje pertence à Checoslováquia... Foi para o Brasil, fez família,

(Continua na 7.ª página)

A SAUDAÇÃO
DO PRESIDENTE
JUSCELINO
POR INTERMÉDIO
do «Diário Popular»

«SE O BRASIL
É HOJE A MAIOR
NAÇÃO LATINA
E A PRIMEIRA
NAÇÃO CATÓLICA
DO MUNDO
DEVE-O A PORTUGAL»

«PONHO NA VISITA
A PORTUGAL

TODA A MINHA AFEIÇÃO

E A DE 60 MILHÕES DE BRASILEIROS

SAUDANDO A MÃE-PÁTRIA»

(DO NOSSO CORRESPONDENTE NA REPÚBLICA FEDERAL, JOSÉ FERNANDES)

COLÓNIA — Tudo leva a crer, pelos sólidos contactos estabelecidos durante a sua recente visita à Europa, que o dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira conseguiu conquistar a República Federal da Alemanha como um dos principais colaboradores na reconstrução económica do Brasil, nos próximos cinco anos do seu Governo.

Durante os dois dias da sua estadia na Alemanha Ocidental, o Presidente eleito do Brasil, com a sua

boa disposição, o seu sorriso radiante, os seus altos dotes oratórios, conquistou a simpatia e a confiança de todos os meios industriais e da alta finança, mas também do próprio Chanceler Adenauer.

Apesar do programa do protocolo ser apertadíssimo, o correspondente do «Diário Popular» teve a oportunidade de poder entrevistar durante dez minutos o dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, por intermédio do

(Continua na 7.ª pag.)

Por intermédio do
«Diário Popular»
a minha mais
afetiva saudação
vai a Portugal
Juscelino Kubitschek
Colónia - 16.1.56

O PRESIDENTE JUSCELINO
NO SEU AMBIENTE
DE MINAS GERAIS — (1)

UM VATICÍNIO
CERTeiro

Por VITORINO NEMESIO

Conheci o dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira em Maio de 1952, em Belo Horizonte, sendo ele governador do Estado de Minas Gerais. No Brasil toda a gente trata o próximo, à boa moda ibérica, pelo nome de baptismo. É como que um apelo de alma à pessoa, uma prova de repugnância a designar por um apelido — que é coisa de estirpe, de toda e de ninguém — um ser de carne e osso. Vou adoptar o costume, por brevidade de escrita, com o illustre Presidente eleito do Brasil, nestas linhas ditadas a pretexto da sua visita a Portugal — e que nada quem ter de protocolar, precisamente.

(Continua na 7.ª página)

LER NA 10.ª PÁGINA
TESOUROS
NO FUNDO DO MAR

DEPOIS DAS NOVE

MARIA VITÓRIA

A's 20 e 30 e 22 e 45

SALVADOR

APRESENTA A RE-

VISTA POPULAR

TEL. 22446

«FESTA É FESTA!»

COM UM ELENCO DE EX-

TRAORDINARIA CATEGORIA

(Para adultos)

HOJE - A's 21 e 30

ESTREIA

«...INGENÚA...

ATE CERTO

PONTO...»

com

DAVID NIVEN, MAGGIE MCNAMARA

e WILLIAM HOLDEN

A mais deliciosa comédia da temporada

(Para 18 anos)

TEL. 47163

ESTREIA EM TECNI-

COLOR

«SUSPEITA»

com Michèle Morgan

e Raf Vallone

(18 anos)

TEL. 22523

A's 21 e 30 h.

A HISTÓRIA DE UM

AMOR IMPOSSÍVEL

«O QUE O CEU

PERMITE»

O tormento de um

coração feminino que

tinha de escutar as opiniões alheias

com JANE WIMAN e ROCK HUDSON

(Para adultos)

TEL. 55131

A's 15, 18, 15 e 21,30

3.ª semana do grande

êxito de gargalhada

«UM DIA

DE AMOR»

(Colorido)

com Marina Vlady e Marcelo

Mastroloni

(Maiores de 18 anos)

TEL. 26287

A's 21 e 30

Um êxito que o «me-

tropepe mais realça

«O BELO

BRUMMELL»

com

Stewart Granger, Eli-

zabeth Taylor, Peter Ustinov e Robert

Morley

(13 anos)

TEL. 55134

A's 9,30 da noite

Um filme em

CINEMASCOPE

2.ª SEMANA

«AS QUATRO

PENAS»

com Anthony Steel, Laurence Harvey

e Mary Ure

Milhares e milhares de figurantes!

(Para 13 anos)

TEL. 50595

A's 21 e 30

Êxito do mais belo

filme de amor

«A ÚLTIMA VEZ

QUE VI PARÍS»

com Elizabeth Taylor,

Van Johnson, Walter

Pidgeon e Donna Reed

(18 anos)

TEL. 22122

A's 21 e 30

GRANDE SUCESSO!

«A ÚLTIMA VEZ

QUE VI PARÍS»

com

Elizabeth Taylor, Van Johnson, Walter

Pidgeon e Donna Reed

(18 anos)

TEL. 763080

A's 15,30 e 21,30

3.ª E ÚLTIMA

SEMANA

«Agora é que isto

vai acontecer»

com

EDDIE CONSTANTINE

(Para 18 anos)

TEL. 22443

O DRAMA DE IBSEN

«JOÃO GABRIEL BORKMAN»

interpretado por Villaret

no Monumental

De 23 a 29 de Maio próximo, será

celebrado em Oslo, através de impor-

tantes manifestações, o cinquentenário

do falecimento do grande dra-

matista norueguês, o Prêmio Nobel de

Literatura, Henrik

Ibsen. Os três principais teatros de

Oslo apresentarão, sucessivamente, pec-

ças de Ibsen: no Nacional, represen-

tará-se «O Pequeno Eyolf», de

Pato Bravoy, im-

perador e Galleus, «Peer Gynt» de

João Gabriel Borkman; no Teat-

ro Novo, «A Casa da Boneca» e

«Os Breviários», e, no Teatro do Po-

vo, o drama «Brand».

Os dramas de Ibsen continuam a

ocupar o seu lugar nos palcos de todo

o Mundo, mas, entre nós, a impor-

tante dramaturgia de Ibsen é pouco

conhecida: só duas das suas pec-

ças, «A Casa da Boneca» e «Os Brevi-

ários», são familiares ao nosso públi-

co. Associando-se às comemorações

do cinquentenário ibseniano, Vasco

Morgado, subsidiado pelo Fundo do

Teatro, apresenta hoje no Teat-

ro Monumental, o drama «João Gabe-

riel Borkman», traduzido por Cos-

ta Ferreira e interpretado por João Vil-

laret (protagonista), Alma Flora, Maria

Paula, Sara Val, Paulo Renato, Fernando

Guemio, Emilia Baptista e Fernan-

da Bonatti, com cenários e figurinos

de Pinto de Campos.

Todos os esforços foram envidados

no sentido de que a peça de Henrik

Ibsen, das mais notáveis da sua vast-

a obra, tenha entre nós representa-

ção condigna, a altura dos méritos

do autor e do grande significado

humano do drama.

TEL. 22446

Que a atriz Pal-

ma Bastos in-

terpreta na peça

«Ovo Lisboa», de Leila de Barros

o papel de «Condessa de Alvalade»

e o ator Vasco Santana o de «Zacarias

César», construtor civil.

— Que o ator Carlos Alves recebeu

uma proposta do empresário Eugénio

Salvador para ingressar num dos

seus elencos.

— Que o maestro Jaime Mendes

que em breve regressará a Lisboa,

está indicado para escrever música

para a revista do coliseu.

— Que não é ainda definitivo o tí-

tulo de «O Tio de Caracas», da peça

manuscrita destinada ao Teatro Maria

Vitória.

— Que se desloca amanhã a Beja

a Companhia do Teatro Avenida,

que vai ali representar a peça «Joana

d'Arca».

(Continua na pág. seguinte)

TEL. 22446

Que a atriz Pal-

ma Bastos in-

terpreta na peça

«Ovo Lisboa», de Leila de Barros

o papel de «Condessa de Alvalade»

e o ator Vasco Santana o de «Zacarias

César», construtor civil.

— Que o ator Carlos Alves recebeu

uma proposta do empresário Eugénio

Salvador para ingressar num dos

seus elencos.

— Que o maestro Jaime Mendes

que em breve regressará a Lisboa,

está indicado para escrever música

para a revista do coliseu.

— Que não é ainda definitivo o tí-

tulo de «O Tio de Caracas», da peça

manuscrita destinada ao Teatro Maria

Vitória.

— Que se desloca amanhã a Beja

a Companhia do Teatro Avenida,

que vai ali representar a peça «Joana

d'Arca».

(Continua na pág. seguinte)

TEL. 22446

Que a atriz Pal-

ma Bastos in-

terpreta na peça

«Ovo Lisboa», de Leila de Barros

o papel de «Condessa de Alvalade»

e o ator Vasco Santana o de «Zacarias

César», construtor civil.

— Que o ator Carlos Alves recebeu

uma proposta do empresário Eugénio

Salvador para ingressar num dos

seus elencos.

— Que o maestro Jaime Mendes

que em breve regressará a Lisboa,

está indicado para escrever música

para a revista do coliseu.

— Que não é ainda definitivo o tí-

tulo de «O Tio de Caracas», da peça

manuscrita destinada ao Teatro Maria

Vitória.

— Que se desloca amanhã a Beja

a Companhia do Teatro Avenida,

que vai ali representar a peça «Joana

d'Arca».

(Continua na pág. seguinte)

TEL. 22446

Que a atriz Pal-

ma Bastos in-

terpreta na peça

«Ovo Lisboa», de Leila de Barros

o papel de «Condessa de Alvalade»

e o ator Vasco Santana o de «Zacarias

César», construtor civil.

— Que o ator Carlos Alves recebeu

uma proposta do empresário Eugénio

Salvador para ingressar num dos

seus elencos.

— Que o maestro Jaime Mendes

que em breve regressará a Lisboa,

está indicado para escrever música

para a revista do coliseu.

— Que não é ainda definitivo o tí-

tulo de «O Tio de Caracas», da peça

manuscrita destinada ao Teatro Maria

Vitória.

— Que se desloca amanhã a Beja

a Companhia do Teatro Avenida,

que vai ali representar a peça «Joana

d'Arca».

(Continua na pág. seguinte)

TEL. 22446

Que a atriz Pal-

ma Bastos in-

terpreta na peça

«Ovo Lisboa», de Leila de Barros

o papel de «Condessa de Alvalade»

e o ator Vasco Santana o de «Zacarias

César», construtor civil.

— Que o ator Carlos Alves recebeu

uma proposta do empresário Eugénio

Salvador para ingressar num dos

seus elencos.

— Que o maestro Jaime Mendes

que em breve regressará a Lisboa,

está indicado para escrever música

para a revista do coliseu.

— Que não é ainda definitivo o tí-

tulo de «O Tio de Caracas», da peça

manuscrita destinada ao Teatro Maria

Vitória.

— Que se desloca amanhã a Beja

a Companhia do Teatro Avenida,

que vai ali representar a peça «Joana

d'Arca».

(Continua na pág. seguinte)

TEL. 22446

Que a atriz Pal-

ma Bastos in-

terpreta na

(Continuação da pág. anterior)

Que os actores Jaime Santos e Rui Ferrão não aceitaram um convite que lhes foi dirigido pelo empresário Azinhal Abelho para oportunamente fazerem parte do desempenho de uma peça, no Teatro da Trindade.

— Que o «Ballet suéco «Lalla Casels» vai deixar de fazer parte do elenco do novo Teatro ABC.

— Que o título da peça que a Companhia espanhola de revistas vai representar no Teatro 84 da Bandeira, do Porto, é «Mulheres e Diosas» e não «Mulheres Odiosas», como se tem anunciado.

MÚSICA — CENTRO DE ESTUDOS GREGORIANOS

— Como temos notícia, efectua-se hoje, às 21 e 30, na igreja de S. Luis dos Franceses, o 2.º Concerto Espiritual organizado pelo Centro de Estudos Gregorianos, em colaboração com a mesma igreja e sob o alto patrocínio do sr. Cardal — Patriarca de Lisboa.

Este concerto, interpretado por Genevieve de La Salle e equipadrado num ciclo histórico, tem por finalidade fazer conhecer a literatura de órgão desde o seu início até à época do seu pleno desenvolvimento. Neste sentido, o programa abre com uma obra de Píroin, o Grande, seguindo-se Titeliouse, Couperin, Grigny, Marchand, etc., até Claude Daquin.

SOCIEDADE DE CONCERTOS DE LISBOA — O quarto concerto da presente temporada efectua-se no próximo dia 30, com a apresentação, pela primeira vez extra-nós, do célebre violoncelista suíço Henri Honegger.



para todo o tempo

A pele rejuvenesce, torna-se fresca e bela, com «LEOKREM» — um creme com vitaminas que alimenta a epiderme.

LEOKREM
O CREME ALEMÃO A BASE DE VITAMINAS

«MILIONÁRIO 1956» É UM CONCURSO RÁDIO-PUBLICITÁRIO AO QUAL É OBRIGATORIO CONCORRER COM ESTE CUPÃO!

ÁGUA DE MONFORTINHO
EM GARRAFES, GARRAFAS DE LITRO E 1/4
PREÇO GARRAFAO 8\$50

DEPOIS DAS NOVE

ger, que a critica europeia e a americana têm saudado como os mestres actuais do seu instrumento. Tanto os autores clássicos como os contemporâneos têm nele um interesse excepcional, cujas facilidades se evidenciam de múltiplas formas: técnica transcendente, maleabilidade de estilo, sonoridade a um tempo variada e expressiva.

CONCERTO DA «PRO-ARTE» EM COIMBRA — No Grémio dos Legistas, em Coimbra, realiza-se hoje, à noite, um concerto organizado pela «Pro-Arte», em que colabora a pianista Maria Leonor Fernandes.

45.º CONCERTO UNIVERSITÁRIO — No salão do Conservatório Nacional, realiza-se amanhã, às 21 e 45, com a colaboração da Associação Escolar daquele estabelecimento, o 45.º Concerto Universitário, promovido pelo Centro Universitário de Lisboa.

SESSÃO DE MÚSICA GRAVADA — Amanhã, às 21 e 30, na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, realiza-se uma sessão de música gravada, com a execução das sinfonias n.º 7 (incompleta), em dó maior e n.º 8, em si menor, de Schubert, que será precedida de um comentário sobre o compositor.

CONCERTO DAS BANDAS DA P. S. P. — No próximo dia 28, às 15 horas, realiza-se no Pavilhão dos Desportos, um concerto gratuito pelas bandas da Polícia de Segurança Pública de Coimbra, Porto e Lisboa, integrado na série promovida pela Câmara Municipal de Lisboa. Serão executadas obras de Wagner, Tschickowsky, Fabri e Armando Fernandes.

Não haverá distribuição de bilhetes sendo, por isso, a entrada livre.

ESTA NOITE PODE OUVIR — EMISSORA — A's 18: Noticiário; às 18 e 10: Danças; às 18 e 40: Revista internacional de espectáculos; às 19: 1.º Desdobramento; Concerto pela banda de música do comando-peral da G. N. R.; às 19 e 45: Variedades em discos; às 20: Jornal sonoro; às 20 e 15: Música ligeira espanhola; às

20 e 40: O despertar; às 20 e 55: Intervalo musical; às 21: Junção dos emissores; Noticiário; às 21 e 15: 2.º Desdobramento; Música ligeira sinfónica; às 21 e 30: 8.º episódio da adaptação radiofónica «O Sargento-Mor»; às 21 e 30: Programa pelo Orfeão da Covilhã; às 22 e 10: História de Teatro; às 22 e 40: Sereia de Coimbra; às 23: A Orquestra Schasclia; às 23 e 15: Danças e cançonetas do Tágide; às 23 e 45: Junção dos emissores; Noticiário; às 23 e 0: Encerramen. Programa B — A's 19: Aspectos da música moderna; às 19 e 30: Noticiário regional; às 20: Música de Chopin; às 20 e 20:

2.º acto da ópera «Manon Lescaut»; às 21: Junção dos emissores; às 21 e 15: Desdobramento; às 21 e 20: Recital de piano; às 21 e 50: A voz da cidade; às 22 e 10: Música sinfónica; às 22 e 40: Aspectos e problemas da estética contemporânea; às 22 e 50: Canções; às 23 e 10: O violinista Peter Rybar, em obras de Vivaldi; às 23 e 45: Junção dos emissores.

RÁDIO RENASCENÇA — A's 18: 18: Marcha e Anúncio do programa; às 18 e 5: Orquestras; às 18 e 20: Politécnica; às 18 e 30: Ecos literários; às 18 e 35: Discos pedidos pelos ouvintes universitários; às 18 e 50: Noticiário; às 18 e 54: Marcha; às 18 e 55: Fecho.

RÁDIO VOZ DE LISBOA — A's 17: Programa das contes; às 18 e 30: Artistas brasileiros; às 18 e 45: Música variada; às 19 e 10: Artistas portugueses; às 19 e 30: Interrupção.

“O CRONISTA”

Director: Alberto Xavier — Este jornal sai amanhã



APRESENTA, HOJE, ÀS 21,30, PARA ADULTOS...

EDEN

A SENSACIONAL COMEDIA QUE ESTEVE 3 ANOS CONSECUTIVOS NA BROADWAY

Realizada por OTTO PREMINGER, num êxito que superou o seu famoso filme «Carmen Jones».

INGÉNUA... ATÉ CERTO PONTO...

THE MOON IS BLUE

Para os que vêem cinema há vinte anos:
«Esta é a obra que reata as tradições da comédia americana de antes da guerra»

Para os que só vão ao cinema há menos tempo:
«Nunca os vossos olhos viram um filme como este!»

APRESENTANDO 4 ARTISTAS DE GRANDE CATEGORIA

WILLIAM HOLDEN • MAGGIE Mc NAMARA • DAVID NIVEN • DAWN ADDAMS
Produção da UNITED ARTISTS

**ELEFANTES E LEÕES**

Tigres, ursos, focas, esta noite no maior espectáculo do Mundo. A Nova Companhia de Circo do Coliseu, Pinito del Oro, trapézista americana. Amanhã, quer de dia, quer de noite, as crianças podem ir ao Circo.

A maior domadora de leões está agora, no Coliseu, no seu gigantesco circo das feras, que faz parte da nova Companhia de Circo, no maior espectáculo do mundo. E não há, apenas, leões, mas tigres, elefantes, ursos pretos e brancos, e focas — todos apresentados isoladamente. Não deixe de ver este magnifico espectáculo, hoje, no Coliseu, com Pinito del Oro, a famosa trapézista americana, nem os voadores-radar, nem o homem-vulcão, nem a «troupe» Bombaim, nem a fenomenal arnista, nem as duas parelhas de palhaços e muitas outras notáveis atracções.

Amanhã, quer de dia, quer de noite, as crianças podem ir ao Coliseu. Às 16 horas, em início, com entrada gratuita a todas as crianças, até aos 10 anos, acompanhadas. À noite, às 21 e 30, todas as crianças, depois dos 6 anos, podem ir ao circo.

**NO PARQUE MAYER**

ONDE TODAS AS NOITES EM 2 SESSÕES

— ÀS 20,30 E 22,45 —
A EMPRESA JOSÉ MIGUEL APRESENTA

HAJA SAÚDE!

UMA REVISTA DE GENTE NOVA
EMOÇÃO, DINAMISMO E ALEGRIA



ESPECTÁCULO PARA ADULTOS

★
DOMINGO
ÀS 16 HORAS
2.ª «MATINEE»

SUSPEITA

HOJE, ÀS 21,30, GRANDE ESTREIA NO

CONDES

(OBSESSION)

(ADULTOS)

DE UMA EXCEPCIONAL SUPER-PRODUÇÃO FRANCO-ITALIANA REALIZADA PELO MESTRE DO CINEMA

JEAN DELANNOY

QUE NOS DESVENDA NUM CRESCENDO DE EMOÇÃO, UM DIABÓLICO CASO DE CONSCIÊNCIA!

EXTRAORDINARIA INTERPRETAÇÃO DE MICHELE MORGAN QUE ATINGE EM «SUSPEITA» O PONTO MAIS ALTO DA SUA CARREIRA DE GRANDE COMEDIANTE

MICHELE MORGAN e RAF VALLONE

EXC. FILMES CASTELLO LOPES

EM TECHNICOLOR

DEPOIS DAS NOVE

(Continuação da pág. anterior)

As 22: Almanaque; as 22 e 45: Artistas portugueses; as 23: Variedades em disco; as 23 e 20: Portugal e cantar; as 23 e 40: E assim a No-ruega; as 0 e 20: Ritosmos brasileiros; as 0 e 40: Música de dança; a 1: Fecho.

FILMES EM EXIBIÇÃO

MONUMENTAL —

«O que o Céu permite» — «O Céu permite» não é um filme vulgar. Baseado numa magnífica história de Peg Fenwick, de uma intensidade dramática e um realismo surpreendente, tem como intérpretes principais dois dos melhores actores americanos da actualidade: Jane Wyman e Rock Hudson. Este espiandito par, que já tinha obtido enorme êxito quando ambos apareceram pela primeira vez juntos em «Sublime Expição», tem em «O que o Céu permite» uma actuação que ficará memorável.

Este óptimo espectáculo em magnífico technicolor foi produzido pela «Universal International» e é distribuído em Portugal pela Doperfilme.

A ESTREIA DE HOJE

EDEN — «Ingenúna... até certo ponto» — O filme que hoje se estreia no Eden é uma alegre e estuante comédia acerca de dois homens presos nos encantos de uma rapariga, que, em vez de fechar romanticamente os olhos ao ouvir os arrulhos amorosos dos dois apaixonados, prefere mantê-los bem abertos, e ver claramente o caminho que põe, muito embora esse caminho algumas vezes a leve a situações algo confusas, e que para qualquer outra rapariga seriam difíceis de resolver.

Mas não o são, de forma alguma.

para a simpática Patty O'Neill. Porque, embora ela seja ingenua... é uma ingenua de um tipo especial, uma ingenua do tipo moderno. Uma ingenua... até certo ponto.

Esta deliciosa comédia, que é a adaptação cinematográfica da célebre comédia «Blue Moon», que durante três anos consecutivos foi o grande sucesso da Broadway, trouxe para tela a mesma protagonista que nos palcos da Broadway e de Chicago conquistou o papel de «Patty O'Neill», a encantadora Maggie McNamara. Se lhes juntarmos os nomes dos dois apaixonados — David Niven e William Holden, poder-se-á facilmente avaliar a razão por que este filme, brilhantemente realizado pelo mestre Otto Preminger — também o realizador da peça «The Moon is Blue» tem sido em toda a parte o grande êxito de comédia da temporada «Ingenúna... até certo ponto» — exibiu-se diariamente em três sessões, às 15.30, 18.30 e 21.30. As «matinées» de 2.ª a 6.ª feira são a preços reduzidos.

Notícias Pessoais

MANUEL MARQUES

Tem experimentado sensíveis melhoras o conhecido massagista do Sporting e da selecção nacional de futebol Manuel Marques, que foi operado de urgência há dias e se encontra internado num dos quartos particulares do Hospital de S. José.

NUNO DE MENDONÇA BELO Acompanhado de sua esposa, partiu hoje de paquete «Pátria» para Luanda, onde vai fixar residência, o sr. Nuno de Mendonça Belo, que teve no caos uma afectuosa despedida por parte de pessoas de família e muitos amigos.

TOMOU POSSE

A NOVA PROFESSORA

DE CRAVO

do Conservatório Nacional

Na sala da biblioteca do Conservatório Nacional, tomou hoje posse a sr.ª D. Maria Vitorina Neves Cardoso de Matos, que usa o nome artístico de Maria Malafala, escolhida para reger um curso especial de cravo. A posse foi conferida pelo sr. dr. Ivo Cruz, director do Conservatório, que fez o elogio da nova professora — «uma distinta das classes de piano e cravo, e bolsaira em Paris do Instituto de Alta Cultura, manifestando toda a confiança nas suas qualidades. Notou depois o interesse que os compositores contemporâneos têm demonstrado pelos instrumentos antigos — cravo, clavicórdio, viola clássica, viola da gamba e outros — o que trouxe de novo esses instrumentos ao contacto com os artistas modernos e, depois de várias considerações acerca da preparação técnica e espiritual exigida aos pedagogos do nosso tempo, referiu-se elogiosamente à obra realizada pelo musicólogo Santiago Kastner, primeiro professor de cravo do Conservatório, em prol do conhecimento em todo o Mundo das composições dos autores portugueses dos três últimos séculos.

A expressão agradeceu o convite que lhe foi dirigido para professora do Conservatório e disse esperar que os seus futuros alunos santam, no estudo do cravo, o mesmo gosto que sempre a animou desde as primeiras lições que recebeu do professor Santiago Kastner.

Seguidamente, o auto de posse foi assinado por todos os presentes, professores e alunos, que cumprimentaram a nova professora.

Teatro MONUMENTAL

SUBSIDIADO PELO FUNDO DO THEATRO

ESTREIA às 21.45

(MAIORES DE 13 ANOS)

HOJE

VASCO MORGADO

HOJE

TEM A HONRA DE APRESENTAR

o drama de HENRIK IBSEN, traduzido por COSTA FERREIRA e LUIS-FRANCISCO REBELO

JOÃO GABRIEL BORKMAN

Protagonista: JOÃO VILLARET

No elenco: ALMA FLORA, MARIA PAULA, SARA VALE, PAULO RENATO, FERNANDO GUSMÃO, EMÍLIA BAPTISTA e FERNANDA BORSATTI

ENCENAÇÃO: COSTA FERREIRA CENARIOS E FIGURINOS: PINTO DE CAMPOS

DOMINGO:

PRIMEIRO ESPECTÁCULO À TARDE

ESTÁ ABERTA A AUDIÊNCIA...

A Ordem dos Médicos recorreu da sentença que condenou o italiano Colucci

Pelo advogado sr. dr. João Correia Ribeiro, que representa no processo a Ordem dos Médicos, foi hoje apresentado no 2.º Juízo Correccional de Lisboa o requerimento do recurso interposto da sentença proferida em 16 do corrente, pela qual o italiano Pedro Indiveri Colucci foi condenado em pena suspensa em dois dos crimes de exercício ilegal de Medicina, de que era acusado, e absolvido num terceiro. O mesmo advogado recorreu da parte da sentença que mandou proceder ao levantamento dos selos no consultório de Paço de Aros e que,

declarando esse encerramento ilegal, ordenou a entrega do material de exercício clínico ali existente e utilizado pelo seu a um médico residente na Madeira, reconhecendo este como seu proprietário.

O caso das carnes importadas da Argentina

No 2.º Juízo Criminal da Boa Hora prosseguiram hoje as audiências da repetição do julgamento do importante caso da importação de carnes da Argentina, durante o período da segunda guerra mundial, em que a Junta Nacional de Produtos Pecuaris se sente lesada em alguns milhares de contos. São réus os drs. Seabra de Magalhães e Couto Rosado. Este último na sessão de hoje, está explicando ao Tribunal a mecânica do negócio, exibindo documentos tendentes a justificar a sua acção e a razão dos prejuízos sofridos pela Junta. O julgamento não termina hoje.

Tribunais militares

Foram julgados e condenados no 1.º Tribunal Militar, Carlos Felício, soldado do Batalhão de Metralhadoras 1, acusado de crime grave, na pena de dois anos de prisão maior e 6.000\$00 de dote à ofendida, pena cuja execução ficará suspensa se o réu casar com aquela; Luis da Silva Pereira, soldado do Grupo de Companhias de Trem Auto, por ofensas corporais e voluntárias, absolvido por falta de provas.

A GENEROSIDADE DOS NOSSOS LEITORES

Para uma estudante pobre a favor de quem publicamos um apelo recebemos mais o seguinte: de J. M. S. C. 40500; de D. Maria José Canha e de dois anónimos, alguns livros.

NECROLOGIA

MONTE-MOR-O-NOVO, 20. — Falleceu hoje a sr.ª D. Custódia Jesus Carvalho Reis, de 64 anos, natural de S. Cristóvão e há muito aqui residente. Era viúva do lavrador José Feliciano do Carmo Reis, mãe da sr.ª D. Maria Ana de Carvalho Reis Mira e dos sr. dr. José Feliciano do Carmo Reis Junior, médico veterinário, e sr. João José Carvalho Reis, proprietário e irmão da sr.ª D. Rosa Carvalho Carneiro e dos sr. dr. António Vacas de Carvalho, advogado e importante proprietário, e José Vacas de Carvalho, residente em Évora.



Belarmino Fragoso

BOX

(ESPECTÁCULO PARA ADULTOS)

ESTÁDIO INTERNACIONAL

(Parque Mayer) — RECINTO COBERTO

HOJE às 21,30 HOJE

O SENSACIONAL COMBATE QUE A OUSADIA DE UM CAMPEÃO DA AZO A SUA REALIZAÇÃO. EM 10 ASSALTOS



Júlio Martins

BELARMINO — JÚLIO MARTINS

bicampeão de Portugal

ex-campeão, conhecido pelo seu espírito de batalhador e poder de soco

MAIS 3 COMBATES DE GENTE NOVA, DUROS, BATALHADORES E EMPOLGANTES

DANIEL BRANCO contra ERNESTO COSTA

categoria de «médios», em 8 assaltos

DESCAMPS (vencedor de Grella) contra EDUARDO RODRIGUES

JAIME SANCHES contra JOSÉ SANTOS

combates em 6 assaltos

ATENÇÃO: O Recinto está devidamente coberto, abrindo as bilheteiras às 10 horas

PREÇOS: Peão 10\$00, Bancadas 15\$00 e 22\$50, Ringues desde 25\$00

PALÁCIO

TELEF. 47163

PARA ADULTOS

Hoje, às 21.30 — ESTREIA
Uma noite de gargalhada

UNIVERSAL-INTERNATIONAL

ABBOTT E COSTELLO

ENTRE O MÉDICO E O MONSTRO

OS FAMOSOS REIS DO RISO ENCONTRAM-SE COM O CÉLEBRE DR. JEKYLL, QUE ESPALHA O TERROR EM LONDRES... ENQUANTO ELES ESPALHAM A CONFUSÃO E PROVOCAM TEMPESTADES DE RISO

com BORIS KARLOFF
HELEN WESTCOTT
CRAIG STEVENS

(Continuação da 1.ª pág.)

dado sem pretensões e, se no permittem, como em palestra familiar.

O observador atento há de notar que o que se chama vida política no mundo dos nossos dias é em boa parte só agitação e que essa agitação se opera à volta de sentimentos primários ou de conceitos imprecisos. Certo numero de palavras ou frases, feitas para serem usadas para continente e levam, na simplicidade e aparente clareza das fórmulas, mundos de conceitos duvidosos senão inteiramente errados. Por exemplo, na linguagem da democracia, ditadura, direitos do povo, antes que os historiadores lhes seguissem o rasto e os filósofos lhes desfilassem o sentido, já elas puderam despertar fortes emoções, desencadear revoluções, alterar a marcha dos acontecimentos. E não me refiro ao campo comunista, que pode jactar-se de trazer desvaliações às gentes com o invulgar da terminologia política usual, a desajustar a lógica e a realidade com a sua "democracia popular", a sua "libertação dos povos", etc. Pois mesmo fora dos domínios da "grande mentira" também se verifica a impossibilidade de acordo sobre um sentido suficiente para certos termos com que se faz a política. As palavras valem por vezes mais e têm mais prestígio que a essência das instituições: tanto na ordem interna como na internacional, as imagens de fumos chegam a ocultar o sol.

Estes factos comportam lições que interessam a todos. Não se trata, porém, a nossa ciência, não nos permitamos aproveitar a maior parte, pela razão de que nos devemos e devemos ao povo a verdade.

A actualidade do regime que preside há três décadas de anos aos destinos deste País tem sido, no meu modo de ver, predominantemente governativa e deficientemente política — ou por outras palavras, critica por princípio a política às conveniências ou necessidades do Governo. E apetece por duas questões, o que quer dizer sacrificar a política ao Governo? até onde pode levar-se sem risco esse sacrifício da política?

Entendamo-nos primeiro acerca do sentido do problema.

A palavra Governo significa de uma banda o conjunto de indivíduos detentores do poder de governar e significa da outra a direcção dos negócios públicos, a direcção dos interesses comuns. A necessidade do Governo é intuitiva — confunde-se praticamente com a da autoridade em toda a sociedade humana. Ora, os indivíduos que, nesta sociedade resolvem-se segundo determinadas linhas de orientação e são estas grandes linhas de orientação que constituem os sectores especiais do Governo, o que se chama a política financeira, a política económica, a política religiosa, colonial, cultural, externa, etc. A definição desta actividade, resultante da existência de um interesse, de um condicionamento de facto, de um princípio doutrinário, seja a resultante de um objectivo definido, da possibilidade de atingir, do princípio moral ou político a que deve obedecer, segundo a concepção dos governantes, a linha de solução. Salvo o caso, imposto por circunstâncias especiais, de um Governo ser constituído para a resolução de uma questão determinada e circunstancia, a actividade governativa desenvolve-se normalmente na definição e realização de tantas políticas quantos os sectores a que se aplica a sua actividade. E não inapropriado seria que para algum dos sectores do Governo não tivesse uma política, o mesmo que algumas delas não fosse coerente com as mais. Assim, e dado embora a grandes correntes doutrinárias e valores políticos, o regime tem, deve dizer-se não ser logicamente nem praticamente possível resolver, por exemplo, o problema da propriedade segundo os princípios comunistas e estabelecer ao mesmo tempo uma economia liberal. Em muitos casos não há mesmo fórmulas possíveis de compromisso — os problemas ou se resolvem ou não.

Deduz-se do exposto que governar representa afinal uma actividade empenhada numa realização política. E nesta actividade, a aceção a palavra política está já nos olhos regenerada.

Mesmo quando os indivíduos ou grupos sociais não têm de colaborar activamente na solução dos problemas, como são os casos da educação e da defesa, a razão e o respeito da pessoa humana que é o sujeito político por excelência, induzem a uma conveniência do assentimento do povo às necessidades ou imposições da autoridade. A medida que se desenvolve e radica no corpo social a consciência de um destino ou interesse comum, mais se impõe o conhecimento e o entendimento, a adesão espiritual dos indivíduos que convertem de facto em acção colectiva, em vida nacional, a actividade governativa. Sejam os menos pronunciada a participação dos indivíduos ou grupos na formação do poder, seja mais ou menos extensa a sua intervenção directa na formulação das soluções ou na respectiva execução, não ou para fugir-se a uma das imposições

DESEJOS E ANSIEDADES INTEGRAIS UMA SOLIDARIEDADE CADA VEZ MAIS FIRME SEM PREJUÍZO DAS AUTONOMIAS NACIONAIS

— palavras do sr. prof. dr. Oliveira Salazar no seu discurso de ontem

do nosso tempo que se traduz no alargamento das zonas que o poder directamente beneficia e no aumento de interesse que o exercício desse mesmo poder desperta.

Ora, o intuito geral da política que eu desejaria reabilitar também é exactamente o da acção tendente a criar a consciência nacional dos problemas e o convencimento geral da bondade das soluções para que a acção governativa se desenvolvesse em ambiente esclarecido e favorável. O estudo e discussão das questões, a informação dos factos que as condicionam, a sugestão de soluções possíveis ou convenientes, a defesa dos princípios em causa, a apreciação das limitações existentes — tudo isso é acção política, tudo isso é política. Em tal sentido, em tais termos, com tal objectivo, a política foi sempre não só útil mas necessária e é-o sobretudo no Estado moderno, seja qual for a sua constituição.

Se aos governos compete tomar conhecimento dos problemas, equacioná-los, definir as soluções, adoptar as providências alinentes a resolução dos problemas, sobretudo nos organismos políticos que incumbem esta segunda missão. E se falham nela, ou o governo se lhes substitui com prejuízo da actividade governativa, ou o princípio nacional pode deixar de encontrar-se em condições de seguir e apoiar a acção governativa. Quando acima significo que ter sido a política sacrificada ao governo, quero exactamente referir-me a uma das saídas do dilema angustioso que por vezes se nos tem posto — diminuir o ritmo da actividade ou arriscar-se a trabalhar na incompreensão geral.

Nós compreendemos agora bem o dualismo governo-política e como seria ideal que se completassem sem esta se sacrificar a primeira.

Sacrifício socialmente mais oneroso é porém o sacrifício inverso ao que enunciei — é sacrificar-se o governo à política, e isso me leva ao terceiro significado desta palavra política, a noção mais vulgarizada e a actividade mais crível.

Como tudo se corrompe no mundo da política, esta utilíssima actividade também se pode corromper. A política será então na ordem interna a actividade que se desenvolve para a destruição do governo e a conquista do poder. Compreende-se que, consoante a divisão dos espíritos, o grau de moralidade geral, o abatimento da consciência colectiva em relação à vida e interesses da Nação, e sobretudo consoante os regimes políticos, esta actividade pode ser limitada a destruir para preparar ou a distribuir bens para manter-se produzidos maiores ou menores danos. O maior de todos, além do crível, é a actividade paralisante, a acção e cria nos espíritos estados de inquietação e de dúvida, o maior dano de todos, dizia, afigura-se a mim ser o seguinte: impedir os governos de fazerem a defesa da sua própria existência, aborrecê-los nela, levando-os a descurar a sua actividade específica.

Ora nada pode fazer-se duradouro contra a verdade e contra a essência das coisas: assim, este sacrifício do governo à política arrasta consigo a ideia da insuficiência ou inexistência de um orgão essencial da vida colectiva e, consequentemente, por sucessivas substituições, a sua instabilidade.

Disto me parece dever concluir que se há sacrifícios a fazer, antes que se sacrifique a actividade política, mas a boa solução já acima indiquei qual seja.

Os meus ouvintes que facilmente nunca duvidaram da utilidade do seu esforço, estariam porventura a interrogar-se sobre qual a finalidade destas considerações. Pois não é senão a ordem normal para uma intensificação bem necessária da actividade política, pelas razões já indicadas e o motivo especial que enunciei a seguir.

Em 28 de Maio passa novo aniversário da Revolução Nacional e faz trinta anos a Situação política que tem a exclusiva responsabilidade do governo durante as três últimas décadas. Esta exclusividade pode ter uma ideia da capacidade de governativa e política, mas há-de também ter-se como fonte de pesadas responsabilidades que não podem ser partilhadas nem atribuídas a outros no momento parcialmentem. Decerto a acção do governo foi condicionada em bons espaços de tempo por guerras externas e por crises internacionais graves, além das internas e das dificuldades de nosso próprio ser colectivo. Mas para além

dessas limitações, aliás ponderosas e extensas, naquelas condições em que o governo se pôde determinar e agir, há que responder perante a Nação ou perante a História pelo que se fez e pelo que se não fez e pelo que devia ter sido feito. Podia ter-se avançado mais? Podia ter-se agido melhor? Não receio as críticas, se os juízos dos observadores superficiais e os seus, houve também conhecimento das circunstâncias de facto, por um padrão ideal: só me interessa o veredicto das consciências rectas. Porque se houve dificuldade e esforços, houve também circunstâncias políticas favoráveis, embora estas, se existiram, tenham sido exactamente nosso mérito crível.

Certamente haverá comemorações festivas e não faltam apesar de tudo motivos para contentamento público. Mas ao fixar-se para este ano e para as proximidades daquela data a realização do Congresso da União Nacional, houve o intento de facultar o largo exame retrospectivo da marcha da coisa pública e da oportunidade de apreciar princípios, acções e resultados. Não se pode esperar — nem seria possível — que se faça então a crónica dos acontecimentos desde período que não passaria despercebido na história portuguesa. Mas, fixado, bem o ponto de partida e os meios ao dispor da máquina governativa e da administração, é possível ajuizar-se do caminho andado das condições de progresso das oportunidades aproveitadas ou perdidas e da bondade dos princípios que nos nortearam. Tudo se resumirá em saber se de facto, a sombra do deus, a Nação se elevou moral e materialmente, isto é, se progrediu e se se nobilitou.

Tem-se ouvido afirmar que este período, mere de algumas necessárias liberações da imprensa, marcou uma nova escura do pensamento e da cultura portuguesa. A decadência podia ter-se verificado independentemente de causas políticas. Mas, decerto, a ideia de uma exposição cultural relativa também aos últimos trinta anos. Se a produção literária, científica, ou artística, e as suas variadas manifestações nacionais ou não pela acção do Estado, se afirmaram em termos comparáveis aos de outras boas épocas, deve a acusação cair por falta de base e o País terá-se no espírito rejuvenescido. A mim, ser-me-ia particularmente doloroso verificar ter contribuído, embaraço, para a decadência, a minha defesa de interesses igualmente sagrados, para um eclipse — ainda que passageiro — da inteligência portuguesa.

Será muito difícil e em qualquer caso improvável que os problemas políticos portugueses e as suas soluções não sejam também considerados à luz dos acontecimentos mundiais e das lições que deles emanam.

Do conjunto de factos cuja observação se encontra no horizonte do quem quer, podem tirar-se duas conclusões ou ensinamentos. O primeiro é a existência de certos movimentos de independência dos povos, e designadamente do seu eleitorado, ante a agitação de actividades políticas excessivamente apaixonadas, vazias e ineficientes, fins de si próprias e desligadas dos interesses nacionais, ainda que sob a retórica invocação da sua defesa. Não se trata, a meu ver, de problema que possa ser solucionado pelos apelos da prudência ou da conciliação das inteligências e da conciliação das vontades, quando a base dos regimes for em si mesma inclinação à luta e fermento de paixões. É o fundamento psicológico que está errado, não as suas consequências e as suas soluções para que se recorre nos casos em que o apelo à unidade nacional vai de encontro a profundas divisões de espírito público, não se revelam em termos de simultaneidade salvar os princípios e satisfazer o interesse da Nação: as soluções minoritárias não têm lógica; as combinações e compromissos não têm eficácia política.

Ao mesmo tempo que as lutas apaixonadas pela conquista do poder parecem criar no espírito público uma espécie de cansaço ou de enjoo, verifica-se — e é este o segundo ensinamento — em diversas camadas populacionais, em diversas partes da coisa pública. Não só os problemas sociais e políticos atraem vivamente os espíritos, como as necessidades de escola, saídas da grande massa, as diversas instituições de ensino, o anseio de um sistema de princípios e soluções que respondam satisfatoriamente às suas interrogações e necessidades. Um ideal

social e político se afigura necessário e o grande problema está em saber quem é capaz de realizar o objectivo. A democracia? O comunismo?

Quando ousamos dizer que a democracia é um regime que funciona melhor ou pior, mas não pode por definição constituir nem de facto constituir hoje esse alimento espiritual, acusam-nos de antidemocratas outros motivos havemos lido. E assim se corre o risco de ficar, desoladamente, e a parte o que possa esperar-se de certos movimentos de ordem religiosa, apenas em face do comunismo.

E intuíto no domínio que nos ocupa, argumentar com que o comunismo não pode realizar-se ainda nem mesmo em parte, e que, algum, é contrário à natureza, ao nas suas premissas e nas suas conclusões. Isto não tem grande acção nos espíritos desde que possa substituir a apresentar-se como dano à humanidade, ao progresso do mundo contemporâneo. A superioridade com que se afirma, a solidez das posições tomadas, ainda quando se é forçado a alterá-las ou subtituí-las, a superioridade com que se despreza tudo o que não seja a sua filosofia e a violência dos seus processos, representam incontestavelmente uma força no mundo de hoje, força que, embora politicamente canalizada, da alguns países, se mantém ainda perigosa como instrumento de captação.

Por mim, estou seguro de que a doença comunista, não tendo podido realizar-se em revolução mas só em crueldade, acabará por agostar-se, passar, deixando embora aqui e ali ensaios de instituições, termos vagos de reivindicações sociais, uma que outra solução. Mas interessa vitalmente às Nações evitar o alastramento dessa pandemia que onde minorias audazes conseguem instalá-la, atenta, quase sem excepção conhecida, contra a soberania dos Estados, a liberdade dos indivíduos, as conquistas da civilização.

Esta é a razão fundamental da nossa posição: ansiedade no problema, não porque, se não queremos que o comunismo avance e nos subjugue, precisamos de eliminar as condições do seu progresso. Quando nos primeiros Estatutos da União Nacional, depois da primeira parte da Constituição Política, ousamos inserir uma parte substancial com as posições ideológicas a firmar quanto aos problemas fundamentais do homem, da sociedade e da Nação portuguesa, não foi outro o intuito que compendiar aquele acervo de ideal necessário ao português de hoje e à permanência dos seus interesses nacionais, assegurando uma luz que iluminasse o caminho, e definir princípios a que se dovesse ser fiel e que pela sua transcendência e perenidade não tinham que ser sujeitos a continua revisão. Contribuição modesta mas para nós não desprovida de valor.

Subindo do plano das políticas internas ao da sociedade internacional, está a verificar-se no mundo dois movimentos que, um considerado complementares, outros um tanto quanto contraditórios: afirma-se um movimento nacionalista, mas a formação de numerosos Estados, e ao lado, e em diversas partes do mundo, um movimento de internacionalismo e uma vez ou outra mesmo supranacionalismo, dir-se-ia que alguns países estão fagocitados da sua existência como nações independentes.

É certo que outros factores, além do anseio de liberdade, se ocultam atrás dos movimentos de autodeterminação dos povos, mas a expressão final que os caracteriza é a existência de facto a multiplicação de Estados independentes na sociedade internacional. O maior problema que o fenómeno suscita, além da liquidação das situações anteriores, é a capacidade dos novos Estados para se administrarem com real independência e a sua perfeita integração no convívio moral e jurídico das restantes nações.

Quanto ao segundo movimento: o encurtamento das distâncias tornou o mundo mais pequeno e permitiu a progressiva intensificação da vida internacional. Para além da civilização parece caminhar no sentido da uniformidade, pelo que se não há-de estranhar um reforço de internacionalismo no direito e nas instituições, e a tendência para a estandardização e de promover a sua aplicação. Nada custa também admitir que o alargamento de um espaço comum de espaços nacionais, possa ser uma condição favorável à solução de certos problemas, pelo que a cooperação entre as soberanias que os partilham e a adesão a estatutos comuns se podem impor como a for-

ma mais eficaz de os solucionar. — Nada disto nos suscita objeções de fundo.

Um aspecto se afigura porém mais sério, apesar de alguma obscuridade em que se envolve. Refiro-me ao movimento de integração europeia que muitos na Europa defendem e fora dela outros parecem acalentar. Esse vaço pensamento, que já a revestir aqui e além formas jurídicas conhecidas, como a de federação ou confederação.

Se ao meu espírito é suficiente para não deixar a razão por que alguns Estados defendem para o Ocidente europeu tais formas de integração, não consigo ainda descorinar os motivos que impellem outros a aceitar senão a bendizer esta sorte de liquidação nacional. A constituição heterogênea e dispersa de alguns Estados europeus, a vastidão dos seus interesses fora da Europa, a diversidade das instituições por que se regem a disciplina dos seus interesses políticos e morais que neles se verifica, são aspectos que não consigo ainda compreender como seriam considerados para salvaguarda do que há de essencial em algumas destas formações históricas.

Tenho considerado como favor da Província termos uma situação geográfica, uma formação territorial e um regime político que nos permitam guardar nestas coisas da Península não só o desenvolvimento doutrinário da questão mas algum começo de aplicação prática, se aí se houver de chegar. A posição prudente que temos tomado é defender e apoiar intensamente uma cooperação cada vez mais íntima e uma solidariedade cada vez mais firme sem prejuízo das autonomias nacionais que temos, ainda, tanto quanto por ver-se no horizonte político, forma mais simples de progresso e de defesa dos interesses das populações que agremiam. O nosso nacionalismo constrói-se em agressividade, colaborante sem exclusivismo, mais enraizado na terra e nas almas, pode bem continuar a revelar-se a melhor defesa contra experiências que de infelizmente se não haveriam de avaliar a benefícios possíveis, senão depois de sofridas as desvantagens reais.

★

Vou terminar. O que desejava: espero não ter dito mais do que devia. Varre o Mundo, a par com dificuldades de toda a ordem, um vento de inquietude constrói-se em explosões nas populações e parece desconcertar os governos. Os tempos eriam não só a necessidade como a esperança de modificações profundas na estrutura social, na economia e a política não são os primeiros a pedir. Muitos supõem não poder operá-las senão por uma revolução. O nosso voto é que todos possam compreendê-la, e essa revolução necessária, como nós a vamos fazendo, em paz. De demasiado devagar? Talvez um tanto devagar, mas repito e sublinho — em paz.

★

LIVROS NOVOS

A FORÇA DO DESTINO

por MARGARET PEDLER

Acaba de aparecer nas livrarias este livro na SÉRIE BRANCA da Coleção Minerva

A Força do Destino é uma história deliciosa em que a música e o amor se combinam lutando a favor da vida.

sempre um assunto do mais alto interesse: «Pode a fascinação do êxito musical vencer a glória do amor?»

Em estilo firme sem artificios, Margaret Pedler dá-nos um romance de pleno interesse e de profundo significado.

mais que nos revela o poder do ciúme e do amor.

Volume com 240 págs. 18500

A Dama de Shenstone — romance por Florence Barclay 18500

Valéria — romance por Alba Céspedes 20500

A Mulher das Mãos Suaves — rom. por Anne Kelly 18500

Um Grande Coração — romance por Ethel M. Dell 22500

O Rosário — romance por Florence Barclay 20500

Lua Azul — romance por Ethel M. Dell 22500

Porta Fechada — romance por Ethel M. Dell 25500

TRADUÇÕES PERFEITAS — e textos integrais —

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

e na EDITORIAL MINERVA

R. Luz Soriano, 21-Lisboa

SO' PARA SI. minha Senhora

A elegancia, antes de mais nada, pede muito cuidado e reflexão. Não é apenas uma questão de dinheiro. A mulher mais rica pode andar bem vestida, mas a verdadeira elegancia é dada pela nota pessoal que imprimimos à nossa toilette, seja ela simples ou luxuosa. Aplique pois esse principio na procura da sobriedade para o dia e na simplicitade para a noite. E não se esqueça também de que deve sentir-se bem à vontade dentro dos seus vestidos.

O PENTREADO—Não siga a moda elegantemente. Estude-a e inspire-se no que ela lhe traz de bom e lhe fica bem.

MAQUILHAGEM—Examine bem o seu rosto e veja o que pode ser valorizado e acentuado. Aprenda a pintar-se levemente. Uma mulher

Quando for ao teatro apresente-se elegante, sem dar nas vistas. Por exemplo: um vestido forro preto, de cotado ou não, unido por baixo de um casaco de cores claras, de veludo ou «stafetas». Nunca leve chapéu.

CONSELHOS PRÁTICOS

DEITE PARA AS COISAS INÚTEIS, MAS CONSERVE...—Estes feltros velhos, que lhe serão utilíssimos quando os cortar em rodela que aplicará debaixo dos copos ou dos pratos do almoço, o que evitará as desagradáveis manchas de água nos móveis envernizados.

...As laminas de barbear que são indispensáveis na eliminação das nódoas de tinta nos vidros; para cortar um pedaço de pele, etc. Não as deixe enferrujar; guarde-as cuidadosamente.

SEJA ELEGANTE



O vestido de corte impecável, direito e bem justo ao corpo, em rica renda preta é um valioso acessório no guarda-roupa de qualquer mulher elegante. Não tem idade porque está sempre na moda em qualquer estação. Escolha essa linha direita que adelgaça e favorece uma mulher esbelta, e que permitirá um bom numero de conjuntos. Dependerá de si, minha senhora, a escolha dos vários acessórios, e do seu talento dependerá também manter este vestido com um aspecto novo e diferente



De novo a influência oriental está presente na Moda. «Bijuterias» de desenho complicado lembram adornos egípcios: Um colar longo garofalina, de ouro branco, maravilhosamente flexível e muito chegado ao pescoço ou ainda uma pesada pulseira, exoticamente trabalhada com pinturas de ouro, apresentam qualquer coisa de novo e extravagante mas que, sem dúvida, é o ultimo grito da Moda



Aplicações de estrass, pedras, ou outros quaisquer que fantasias muito usadas em acessórios próprios para tarde ou noite. Um turbante bastante drapado em «jersey» tem um remete ao centro de um complicado offinette, que termina com um pingente de pérola, a qual cai sobre a testa. A sua carteira, género sobredito, em camurça ou antilope preto, se for embelezada com uma fantasia imitando o antilope, terá, sem dúvida, um bom acolhimento da mulher elegante, completando com requinte qualquer «toilette»

SAPATARIA A DEUSA

EXIBE NAS SUAS VITRINES UMA COLECCÃO DE MODELOS DE INSPIRAÇÃO PARISIENSE

1.º DEZEMBRO, 15-17



Gracia duenna RECEM-CASADA

Por LUISA DAMAYA

Há quem acuse os meus problemas de não servem verdades problemas simplesmente porque eu aprendi a minha custa a vir comigo mesma e com os outros das minhas aflições. Maneiras de ser. Talvez eu, no fundo, seja daqueles que, como escreveu Pittagorá, à força de esperarem sempre o pior chegam a ser optimistas.

Acabo sempre por concluir que este poderia ter acontecido muito pior. Quando torci o pé esquerdo e andei a coxar durante meses, consoli-me com a ideia de que não tinha sentido o pé direito em vez do esquerdo. E não dei ouvidos às opiniões malevolos que me garantiam terem a mesma utilidade os dois pés. Como se o pé direito não fosse muito mais simpático do que o esquerdo! Foi essa, pelo menos, a opinião que passei a ter desde a minha entorse e ninguém me pode levar a mal o ter favoritismos quanto aos meus próprios pés.

Tanto me insultaram e invejaram por ser optimista desde essa altura que passei a considerar uma qualidades atribuído a quem os outros favo-riam com o desprezo que só merece um defeito...

Mas ontem o meu optimismo deu de si e não como um elastico que aumenta mas como um lecido que se esgarça...

O Vasco entrou em casa exuberante.

—Uma boa novidade. Isabel!

Não sei que presentemente me levou a estremecer; talvez a exuberancia exagerada do meu marido que tão bem costuma saber reafirmar os seus entusiasmos mais legitimos.

—Sim? O quê?

Nem o «contal» contata habitual conseguia formar-se-me nos lábios.

—Vais ter companhia... em breve seremos três como na canção. Não sei que demônio o levou a essa sublimidade. Porque tinha que haver ironia. Não se tratava, sem dúvida nenhuma, da criança que eu esperei, facto de que ambos temos conhecimento há vários meses.

—Tinhas-te esquecido? — tentei ironizar também.

Mas o Vasco, ria de bom gosto, de demasiado bom gosto. E olhou-me de alto e baixo.

—Se eu me esquecesse, lembrava-me todos os dias ao empurrar a cadeira para te sentares à mesa... Não, não se trata disso. Ouve, o pai vai passar um tempo ao Porto.

Parecia ter explicado tudo.

—E depois? Não vejo a ligação — menti, tentando no entanto convencer-me de que «não estava de facto a ver de tudo».

—Oh, querida! Não comprehendes que a mãe, não pode ficar sózinha em casa? Que dá em neura?

Não me atrevendo a insistir na minha cegueira, fechei-me numa indez de que só eu conhecia o real valor.

—Venho agora de casa dela — continuou o Vasco cada vez mais animado. — Anunciou-me que vinha a passar o tempo que o pai ficasse no Porto... Assim, vocês fazem companhia uma a outra.

Silêncio.

—Agora, perguntas tu, onde é que ela vive?

Eu não tinha perguntado nada; se falasse seria para afirmar qualquer coisa.

Pois, sim senhor! O problema era de facto um problema se não fossem as tuas soluções geniais.

Ainda por cima tentava lisonjear-me.

Mas o Vasco não tinha feito uma pergunta. Tinha, pois, uma solução

muito dele a servir-me estilo pur-gado com açúcar.

O tom de voz tornou-se o de um prestidigitador profissional.

—Ainda cá tens o divá que querias forrar para a sala?

Tive um murmurio indefinido que não pude evitar.

—Pois pomos o divá na sala e, visto que é por pouco tempo, a mãe não se deve importar, contada...

A minha sogra — coitada — não se importava; tudo perfeito!

—Optimo!

Dissemos a mesma palavra em coro, com intonações diferentes.

Parcia uma nota de piano d'assafinado. Tentei ter espirito comigo mesma e acrescentei «in mentes».

«Um dó. E' de facto um dó!»

—Estamos então de acordo — disse o Vasco um pouco menos excitado.

Era o «obriga!», minha senhora, de um vendedor de drogas ambulante a receber o dinheiro lançado de má vontade pelo cliente.

E o mais engraçado é que tratamos logo de colocar o divá na sala, como se estivessemos perfeitamente de acordo.

Até discutimos sobre a sua posição.

—Mala para a direita — disse o Vasco.

—Não, assim fica melhor — decidi eu.

—Bem, se preferes, põe-no lá ao teu gosto. — concedeu ele.

E este concessão foi como o juramento de sangue de um pacto sagrado.

Somos assim as mulheres perante os caprichos masculinos: tornamos-nos joguetes fracos e maleáveis.

Talvez achem que a frase não é minha. Eu própria já a li em qualquer parte, mas não era exactamente idêntica. Disso, estou certa!



Acessório Automático de ZIGUEZAGUE

SINGER

MAIS 5 DISCOS!

Além dos 5 que acompanham o acessório, o que vem duplicar-lhe a grande variedade de pontos.

Aplique este acessório à sua SINGER, que ficará uma verdadeira máquina de zig-zague

CHUVA? FRIO?

Para evitar gripes, anginas, tome

FORMITROL

GENERO AMERICANO

venida João XXI, 10-D

SUCURSAL: RUA TOMAS DA ANUNCIACAO, 1-B

MODERNAS CONFECCOES

SEMPRE PRONTAS A VESTIR

GENERO AMERICANO

Simbolo de elegancia e economia

venida João XXI, 10-D

SUCURSAL: RUA TOMAS DA ANUNCIACAO, 1-B

CEGONHA

A NOVA E LUXUOSA CASA AGORA INAUGURADA

ENXOVAIS PARA BEBES E CONFECCOES PARA CRIANÇAS

Avenida Guerra Junqueiro, 5-E LISBOA

NOVA GERENCIA

DA

PENSÃO DAS AVENIDAS

Bons quartos de casal, muito sossego e asseio. Av. Julio Dinis, 33 r/c. Av. 5 de Outubro, 184, ao Campo Pequeno.

(Continuação da 1.ª pag.)

para tudo poderiam sugerir de um encontro simpático e amigável, em atmosfera de família e de cordialidade luso-brasileira estrema.

Designar, aliás, a Excelência do próximo Presidente do Brasil, abreviadamente, por Kubitschek, equivale não só a criar um problema de ortografia em risco como a infringir as velhas normas de apêlido as pessoas pelo apelido paterno, que, no caso do ilustre homem público, é, português, Oliveira, João César de Oliveira, de Diamantina, se chamava seu pai.

E foi precisamente por causa de Diamantina, que, relacionado por mera cortesia a princípio — ele, o dono de casa de Minas; eu, o curioso visitante, — acabamos amigos. Ou, por outra (e sem que eu duvidasse da sua espontaneidade afectiva, mesmo para com um vago português algumas vezes entrevistado por deveres de governação), fui eu que fiquei seu amigo, para a vida, e não ele, — pelo menos, sempre que me tem-

O PRESIDENTE DE JUSCELINO NO SEU AMBIENTE DE MINAS GERAIS

bre dos caminhos do Sero e do Tijuco, gemas de Minas Gerais, cujo passo tranquilo a ele deveo.

Já digo como o caso se passou. O nosso encontro não foi tão fortuito como parece. Juscelino estava, de certo modo, de cumprimento no projecto da minha excursão a Minas Gerais — sorte de conspiração tramada à sombra da sua autoridade governativa e da do magnífico Reitor da Universidade estadual. Os meus colegas José Carlos Lisboa e Celso Cunha, da Universidade do Brasil (Rio de Janeiro), onde eu tinha a honra de ensinar como professor visitante, haviam apostado le-

var-me — ambos genuínos mineiros — às suas sarras natais. Ali se propunham fazer-me conferir as felices do casarão das casas e ariais velhos da Minas Gerais, e não só. Para ali me reservavam algumas das mais convenientes surpresas da identidade indelevel de Portugal com o seu.

José Carlos era cumulativamente professor no Rio e em Belo Horizonte. Especie de cenobita da Filologia Espanhola (e da melhor observância), tinha mãe e irmãs na sua capital de Minas e uma casa de ermita na Babilônia carioca. Assim, como estas habitações de alicerce um crise de clero paroquial (e é fã de esportistas) em damas e de casaca brasileira, em proliferação de espantos, muitas vezes recorrem aos catirados das congêneres), José Carlos vivia em Belo Horizonte e no Rio.

Quando a Celso, jovem mas já experiente e brilhante romaniá, esse assegurava uma «privado-docência» filológica da Universidade federal, também de Minas, com um encargo minúsculo, noutro escola cario. Filho de um dos Ministros estaduais de Juscelino, o dr. Tristão da Cunha, Secretário da Agricultura, e de uma bora militante em damas e de casaca do governador mineiro, pois se filiava no mineiríssimo P. R. — Partido Republicano — da «liderança» do Ar. Beremundo de Sá, — ele estava em condições especiais para patrocinar a visita do seu camarada português às serras da terra do ouro.

E foi o que aconteceu, em termos de espontaneidade e de caso, era preciso, aliás, meter empenhos no tocante à viabilidade administrativa do passo das gargantas mineiras. Leio, agora e aqui, no curriculum vitae circular do Presidente eleito — ou, melhor, da governador Juscelino — o seguinte, que retrospectivamente me tenta aconsoar: «Procurando tornar conhecida a importância que tem a visita de personalidades estrangeiras», pois bem: eu era um dos embaixadores; era um requisito de programa.

E bem não é evidente, uma vez nascido ou chegado a uma terra como a de Minas, em que tudo são pináculos, cerros, altitudes? Os próprios homens como que aprendem semelhanças das serras numa fisiologia moral amplificada de suas. Era a um desses gestos generosos de quem respira fundo e não tem medo do desafio, que eu devia, naquele dia, a minha presença no encontro da minha presença no Vale de S. Francisco, naquele «Curral de Rei» milagrosamente transformado em Belo Horizonte de meio século e de mil por cento — sol.

Tinham-me hospedado no velho hotel central da terra — um hotel com muito conforto e com algumas pesadas aparadoras. Este troço de turista de uma Belo Horizonte sem palácios decora-me confiança e boa sombra. As portadas da janela do meu quarto tinham um belo gancho, por causa do calor. Era tudo, acolhedor e sem cerimônia.

Tendo de fazer a mala duzia de livros universitários a que os espanhóis chamam «curriculum», ali, essen- tialmente, de livros de história, em confiança. O «decano» da Faculdade de Filosofia, que tão gentilmente me acolhera, ficava no mesmo hotel. Era Camilo Alvim, professor de História da Universidade de Minas. Neste dia, segredos do passado da sua terra como na estrutura complicada da política brasileira actual, com cuja história e explicação, me insinua e maravilha. Passamos os dias em muitas tais ou quais inquietações de cetero, acusadas na avidez perniciosa e matinal do correio de Portugal, que me era dirigido ao cuidado do dr. Tristão da Cunha. Camilo Alvim assistia-me com um desvelo fraterno e tutear. Tomávamos sempre as nossas refeições juntos, servidas por um velho e diligente criado de nome João. E assim, — o meu fasto, expresso na tendência a um invariável cardápio de canja, solada e queijo...

Foi nesse individualmente ágapes do hotel de Belo Horizonte, que aprendi a definir a expressão «Minas Gerais» das iniciais dos Partidos — U. D. N., P. R., P. T. B., P. S. P. P. S. D., etc., etc. — pude situar um pouco o governador Juscelino no quadro do jogo e do arto de Minas Gerais. Nem todo esse recente e prático saber me viria de Camilo Alvim, cujo ardor de mineiro e de historiador professor a fazerem contínuo um barra de tal assunto. O dr. Tristão da Cunha, embora muito ocupado com os problemas da sua pasta, também fazia o favor de me aturar às vezes. Mas esse com o governador mineiro e deputado federal da oposição, mantinha naturalmente uma reserva discreta em matérias que só me poderiam interessar muito pela tangente. A sua paciência de sorriso, reverso de uma aplicação administrativa espalhosa e vivida a ponto, cala-me sempre bem, como orvalho em areal.

Em poucas dias, graças a estes apoios e à hospitalidade inextinguível da família letrada e patriarcal de José Carlos Lisboa, eu estava um mineiro-mineiro, quase, naturalizado. Já tinha a sensação de estar em casa. Já conhecia o caminho do Consulado de Portugal, patriótica das superlúas instituições de tutela para um brasileiro adoptivo como eu. Já sentia. E sabia dirigir-me ao Palácio do Governo, cujo lado de palmeiras atravessava a chegada para a curial entrega do cartão de visita forasteiro.

Sim... Agora é que eu estava um pouco ao corrente das coisas de Minas Gerais. Homem da minha geração (só uns meses mais novo), Juscelino era um mineiro de pulso a quem cedo atraía outro tipo de urgência: a vida pública. Com uma ostensa checa pelo lado materno e ascendentes lusos, remotos, como é comum na Burmânia, no Semi-Insular Arquiepiscopal de Diamantina, onde a vocação do Mundo o levou aos bancos da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, trabalhando de estudante para se poder manter. Curioso de tudo de todos, mal se viu formado, arranjou bolsa de viagem para a Europa e para o próximo Oriente. Viu operar em Paris, em Viena, em Berlim, quis ver a Síria e o Líbano, cujos hostes de emigração invadiam e fecundavam avidamente o seu país. Voltou a Belo Horizonte, decidido ao escalpelo e à acção.

Do ano de 1927 ao de 1930 se decidira talvez o destino deste jovem escalpelo do Tijuco, temperado pelo estudo e pelo ambíção. Agora, tornado a capital de Minas Gerais, o «João que percorre rapidamente os inevitáveis graus da escala de uma carreira: modesto clínico avençado a «Imprensa» do Estado; capitão-médico da Polícia; assistente-chefe da Misericórdia da terra, etc. — primeiro passo em direcção ao Colégio ainda oculto — secretário do «Interventor» Benedito Valadares em 1933. Era, com o primeiro senhoria espinhosa aliança getulista, o primeiro rebate da sucessão de Getúlio Vargas e dois anos de vista. A eleição de deputado federal por Minas, em 1933, parecia já que a ponta do pé buscando o acelerador... Bem me dizia Camilo Alvim, naquele nosso suave e rosado Maio de Belo Horizonte, em 1933:

— Saiba que o nosso governador é presidencialista, talvez na primeira eleição?

Bom augure, aquele! Os manes de Getúlio Vargas, talvez arrependido de ter infringido a conhecida lei do «interventorismo» da presidência do Brasil, resolvem-se, prontuário, com o triunfo de Juscelino, uma espécie de lei presidencial novíssima. Pois achá mate com leões parece ser a bebida adoptada no Brasil... (1).

VITORINO NEMESIO

(1) Chamava-se no Brasil, até com leites à política de rotativismo presidencial da União, conduzida pelos Estados de São Paulo e Minas Gerais, cujos produtos mais ricos são, respectivamente, o café e o leite. O chá-mate, como se sabe, é o produto típico do Rio Grande do Sul. O Estado natal do falecido presidente Vargas.

VISITAR PORTUGAL

É IRÁ PRÓPRIA CASA PATERNA

— PALAVRAS DO PRESIDENTE JUSCELINO AO NOSSO REDACTOR-CORRESPONDENTE EM PARIS

(Continuação da 1.ª pag.)

casa e hoje eu sou o Presidente eleito do Brasil... souha com o Brasil que palpita, fremente, nessa marmota enorme aquecida ao sol dos trópicos. E, como Papin, dá-se fe da força enorme que está no continente, e que urge libertar. E, Juscelino Kubitschek de Oliveira, está disposto a levantar a tampa pesada — a imensidão de um continente, o mistério que envolve os seus confins perdidos, os mistérios que atravessam florestas virgens, as estradas que se perdem em pistas e as pistas que são engolidas pela selva, as doenças e as superstições, sete habitantes por quilómetro quadrado em certos sítios do litoral, e a restrição que vive pois imensa, magnífica, exaltante, riquíssima, um país pobre, onde a vida é difícil.

«O Brasil é um país extraordinário. Um país novo, com possibilidades de muitas das melhores primícias de uma importância incalculável. Faltem-nos mais técnicos do que os capitais. Somos um país pacífico que gosta de trabalhar em paz. Não há, entre nós, esses conflitos que dificultam o rendimento do trabalho e lançam a perturbação...»

UM HOMEM DE ACÇÃO...

O Presidente Juscelino de Oliveira fala com entusiasmo. É um homem novo — 53 anos — rodado pela vida e que só se tem servido da política para fazer colinas de vulto. Deputado pelas Minas Gerais, foi nomeado Prefeito de Belo Horizonte. Isto nas vésperas da grande guerra que vai assolar a Europa e alastrar pelo Mundo.

Belo Horizonte, então, era um burgo provincial e acanhado. Hoje, é uma bela e grande cidade moderna de 400 mil habitantes. O Prefeito fez obra perfeita. Abrem-se-lhe novas horizontes. O Presidente eleito do Estado de Minas Gerais (e depois do Brasil em população e poder económico). O senhor sabe... E o senhor sabe que a energia, a electricidade, a «Energia e Transportes». Lança e realiza-o («das sete da manhã do primeiro dia à meia-noite do último dia, trabalha-se»). Em quatro anos, passa centenas de quilómetros de vias de comunicação, compra milhares de máquinas (tractores e locomotivas, camiões pesados e autobuses), leva a energia a todo o Estado. Quando está no círculo dos capitais, a experiência de Mato Grosso prova-lhe, no seu êxito total, que o Brasil pode dar o que promete e que não é possível continuar a viver nesta contradicção estéril («Correi-mos, Presidente, por indignação» — declara a um jornalista. — Desde a infância que me perseguia o paradoxo da pobreza num país tão rico...»).

...CAIXEIRO-VIAJANTE DE PROSPERIDADE

Antes de entrar na sua boa cidade do Rio de Janeiro («Por quanto tempo ainda a capital dos Estados Unidos do Brasil?»), o Presidente eleito partiu em viagem pelo mundo que lhe interessa: o mundo dos capitais, dos técnicos e do sentimento. Esteve nos Estados Unidos, e agora percorre a Europa, saltando de capital em capital, deixando o seu círculo de jornalistas e homens da rádio, de entrevistas e microfones em riste e os gravadores de som sempre a rodar silenciosamente e a registar, palavra por palavra, discurso por discurso, conferência de imprensa e entrevista particular, este próprio presidencial de propaganda não política, mas económica. Quando lhe falam de política, o Presidente esquiva-se («Sou um país que quer prosperidade de trabalhar...») e alinha números, faz um rápido (e tentador) balanço das possibilidades que aguardam os homens de negócios, os capitais, os técnicos e as máquinas-utensílios...

Almoça com industriais e banqueiros, é recebido por soberanas e presidentes, (quatro rainhas e dez chefes de Estado ou de Governo). Fala a centenas de pessoas, e todos os dias, palhando a boa — a mágica — palavra: «O Brasil é novo, o Brasil é rico, o Brasil é imenso, o Brasil é extraordinário, o Brasil será».

Tudo lhe interessa, desde que sirva para valorizar o seu país. Ontem, esteve com os técnicos do Metropolitan de Paris («O senhor compreende o plano de Janeiro está incluído no plano entre o mar e a montanha, e estira-se; alonga-se, sinuoso e longo... São três milhões de habitantes e o problema dos transportes é crucial...»). A única maneira de o resolver é o metropolitano... Em Paris são cento e noventa quilómetros de linhas, nós nos comparamos por 10 quilómetros, mas, mesmo assim, são milhões de cruzados (e milhões de rios) como amanhã vai ver nas fábricas Krupp como decorre a encomenda — 40 locomotivas por ano que o Brasil passou ao truste do Ruhr.

E por isso que conferência com os industriais e que recebe os banqueiros, que oferece champagne aos jornalistas e se encontra com os políticos.

Tudo isto muito simplesmente, muito cordialmente, com as estatísticas suficientes para tornar sólida a confiança. Sempre atento aos secretários e amigos que o acompanham e que lhe passam papéisinhos ou clicam ao ouvido. Sem protocolo. Entre camaradas que servem a mesa.

Com um sorriso, uma paladinha nas costas, fraterna e amigável.

Sente-se o homem de acção, que Chefe de Estado, não hesita em ser propagandista número um, entusiástico e contagiado. Essas capitais todas — Londres e a sua R. L. H. N. Eden, e o Protocolo, que o obrigou a comprar um chapéu, Bruxelas e o Luxemburgo; Paris, onde se atardou dois dias para conseguir — (entre a Gra-Cruz da Legião de Honra, dois laços oficiais, duas recepções de diplomatas, múltiplos contactos com industriais e banqueiros, uma conferência de imprensa e mais de vinte entrevistas-relampago e outras recepções de rádio) — para conseguir uma escapadela até ao hotel onde, estudante de Medicina, viveu quase um ano (Hotel de la Paix, no boulevard Raspail, 139 francos por semana — ou por mês). Francamente a vida era barata... para ir ver o velho Mestre que lhe ensinara a cirurgia, e após a prece na Noite Santa, a clássica visita ao túmulo de Napoleão — estes capitais todos, Bona e Roma, para que o Brasil esteja presente por uns dias nas páginas dos jornais e uns meses nos dossiês dos homens de negócios...

OS ÚLTIMOS SÃO OS PRIMEIROS...

E depois de ter forçado a Europa Ocidental a pensar em termos de Brasil, a passagem em Portugal... O Presidente chegou a Lisboa, e o Presidente é, ir, a própria casa paterna. Se o Brasil é, hoje, o maior nação latina e a primeira nação católica do Mundo, deve-o a Portugal. Mas hoje somos mais do que um país de Portugal. Somos uma comunidade fraterna que o Português vive e já não só para. Em Portugal vou ver os meus patrícios de além-mar. Em sorriso largo, amigo. A paladinha cor-de-rosa, a indicar, a despedida. O primeiro a receber e carregado: neste momento, o Presidente está atrasado trinta e três minutos e há, ao que parece, um problema do Rio que aguarda, paciente mas caro, não sabe viamã...

JOSÉ AUGUSTO

OS INDUSTRIAS DA PAZ

ESTÃO DISPOSTOS A CONSTRUIR NO BRASIL

GRANDES FÁBRICAS DE LOCOMOTIVAS

AUTOMÓVEIS, GUINDASTES E Fornos ELÉCTRICOS

— disse o dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira

(Continuação da 1.ª pag.)

Embaixador do Brasil em Bona, dr. Bueno de Prado.

«Para portugueses tenho sempre tempo, disse-nos amavelmente o Presidente do Brasil, que quer atender, dentro do círculo que a rodeava, formado pelos Ministros da Economia e do Exterior da República Federal e pelo Director da Casa Krupp.

Esperando que esta visita-recompago lhe tivesse proporcionado uma visão rápida das possibilidades alemãs, perguntámos-lhe se era de opinião que a colaboração económica já existente entre os dois países podia ser ampliada.

O dr. Juscelino declarou:

«Uma vez na Alemanha e no meu primeiro encontro com as figuras proeminentes deste país, verifiquei a boa vontade e o espírito de colaboração que existe em todos os alemães em relação ao Brasil. Ontem, tive uma reunião com todos os grandes chefes das indústrias alemãs. No encontro, ouvi de cada um as palavras mais interessadas pelo desenvolvimento industrial do Brasil. Fiquei surpreendido por encontrar, aqui, uma compreensão tão profunda e tão nitida pelos problemas brasileiros como aquela que, em pouco mais de uma hora de conversa, eu pude apreciar por parte das figuras mais despromidas de Oliveira. Verifiquei, portanto, que os alemães estão dispostos a colaborar com o Brasil.

A QUESTÃO DOS TRANSPORTES É UMA DAS MAIS GRAVES DO BRASIL.

E, com Jerto brilho no seu olhar de orador fluente, o dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira concluiu:

«A minha viagem, todos sabem, tem esse objectivo principal: conversar com os povos da Europa, chamar-lhes a atenção para o futuro e para as perspectivas do Brasil, a fim de que possam ajudar o Brasil a 1.º de Fevereiro, vai assumir o Governo do Brasil um homem que está de braços abertos para todos aqueles que queiram colaborar com o nosso país. Não apenas lemos, mas também a experiência secular de que estão imbuídos e que serão muito necessários no nosso desenvolvimento. Deste modo, estou convencido de que as relações económicas existentes entre o Brasil e a Alemanha, com esta minha viagem, vão ter possibilidades muito maiores. No meu programa estabeleci metas que desejo atingir. Sabem todos que a questão dos transportes é uma das mais graves para o meu país. Eu quero construir no Brasil, fábricas de automóveis, de «jeeps», de camiões, de tractores, de locomotivas, por que sem isso, não será possível estabelecer aquilo de que tanto necessitamos: um transporte do centro de

produção para o centro de consumo. No encontro, tive aqui com os industriais alemães, verifiquei que todos estavam dispostos a colaborar. E, assim, posso dizer, que no próximo mês de Fevereiro já vou receber no Rio de Janeiro, grandes industriais desta terra dispostos a construir no Brasil, fábricas de locomotivas Krupp, fábricas de «jeeps», de camiões, guindastes e fornos eléctricos — enfim, uma série de indústrias da mais alta importância na estrutura económica do meu país. Estou, portanto, muito feliz e contente.

EXISTE NO BRASIL UMA PAZ SOCIAL.

Referimos ao Presidente o enorme esforço que ele despendeu nesta viagem à América do Norte e à Europa.

«Não é uma viagem de turismo — asseverou o dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira. — Ela tem exigido esforço considerável, não que, desde a manhã de cada dia até à madrugada, nas reuniões, nos encontros que venho mantendo com as personalidades, não apenas no terreno da política, mas também no do comércio, da indústria, das finanças, procuro estabelecer um contacto bom e sólido entre o Brasil e os países que visito. Há aqui, na Europa, neste momento, uma compreensão muito nitida pelos problemas do Brasil. Todos sabem que o meu país vai crescendo de uma maneira extraordinária e que existe no Brasil uma paz social e uma tranquilidade que despertam o interesse dos homens que, na Europa, fatigados, pelas lutas permanentes, querem colocar os seus capitais e as suas indústrias em nações mais protegidas e menos atacadas pela doutrina da guerra.

Quando nos falou, depois, de Portugal, fez-lo com uma comovção extraordinária, mostrando uma afeição que revela os laços de magnífica amizade que unem os nossos dois países.

«ATÉ LISBOA!»

«Falta-me a palavra. Roma — disse — o dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, onde, servi recebido por Papa, Deputado, Madrid e, finalmente, Lisboa. Mais do que os interesses que lhe acabo de expor nesta viagem à Europa, ponho na visita a Portugal toda a minha afeição e os 60 milhões de brasileiros, sandando a Mãe-Pátria.

Nesse momento, o correspondente do «Diário Popular» faz a entrega do seu despacho ao sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, onde, servi recebido por Papa, Deputado, Madrid e, finalmente, Lisboa. Mais do que os interesses que lhe acabo de expor nesta viagem à Europa, ponho na visita a Portugal toda a minha afeição e os 60 milhões de brasileiros, sandando a Mãe-Pátria.

JOSÉ FERNANDES

ACALMAM
A TOSSE
NOCTURNA!

... com ingredientes medicinais comprovados de **Vick VapoRub**, o remédio mundialmente famoso contra as constipações! Gostosas! ... e cortam logo a tosse! Experimente hoje!

PASTILHAS
VICK
PARA A TOSSE

TESOUROS NO FUNDO DO MAR-5

PARA OS OCULTAR

DOS «YANQUIES» QUE AVANÇAVAM

AS GENTES DOS ESTADOS DO SUL

ENTERRARAM ENORMES RIQUEZAS

Aposou-se deles verdadeira febre. Recordavam-se as coisas de uma velha tira, de um avô ou de uma criada já integrada na família: «Durante a guerra... era eu criança... de noite, enterramos aquilo que não podíamos levar... para os yankees não levarem nada...».

Sim, durante a guerra, noventa anos antes, quando os exércitos dos Estados do Norte e do Sul batalhavam, muitos tesouros foram enterrados e são hoje procurados febriamente. E eram tesouros de respeito, pois os grandes proprietários das plantações da Carolina do Sul eram gente «podes de rico, graças às culturas

referências. «Durante a guerra... enterrávamos aquilo que não podíamos levar...».

Sim, durante a guerra civil, noventa anos antes, quando os Exércitos dos Estados do Norte e do Sul se defrontavam no campo de batalha, muitos tesouros foram enterrados. E eram tesouros de respeito, pois os grandes proprietários das plantações da Carolina do Sul eram gente abastada. O trabalho braçal era baratíssimo, com escravos negros. Foi por causa desses escravos que houve a guerra contra os Estados do Norte.

De princípio, reinava a confiança nos Estados do Sul. As coisas corriam bem. O general Lee obteve a vitória de Fredericksburg, atravessando o Potomac. Mas depois vieram os primeiros reveses. A rendição em Gettysburg foi um dia sembrado para os sulistas. Era inacreditável para os yankees continuarem a avançar sob o comando de Sherman. Os mensageiros do infortunio sucediam-se: Sherman tomara Atlanta; Sherman vinha a caminho de Savannah... Era necessário esconder tudo quanto valesse e fosse possível esconder.

Assim, as coisas foram esvaziadas à pressa e os objetos empilhados em carroças que se iam levando ao exódo. Mas não se podia levar tudo... Que fazer com os valores? Enterrá-los? Sim, era uma solução, pois quando o inimigo se retirasse nada mais fácil do que recuperá-los.

(Continua)

FOR
FRED PALMER
Exclusivo do «Diário Popular»

de algodão, que destruíam de amplos mercados — e o trabalho braçal era baratíssimo: negros, escravos que se podiam explorar à vontade. Foi por causa desses mesmos escravos que eclodiu a guerra contra os Estados do Norte.

Quando, na extensa planície ao sul de Atlanta, junto a Macon, ou Augusta, ou Santos River, surgissem um cemitério transportando homens e ferramentas para um local determinado, para ali se aparecer e, sem motivo aparente, desataram a cavar que nem uns posses, já ninguém se lembra. — Ora — disse com ar entendido e algo curioso — a gente do Batley! Terão mais sorte das a vez?

A pesquisa de tesouros na Carolina do Sul é uma coisa para ser tomada a sério e não privilégio de aventureiros incorrigíveis ou de perseguidores da fortuna. São homens considerados, donos de plantações, comerciantes de algodão, cultivos de tabaco, que afanosamente procuram arrancar ao terreno da Carolina do Sul e ouro e a prata que nele jazem adormecidos.

500.030 DÓLARES DE PRATA ENTERRADOS NUMA PLANTAÇÃO

Quando a pesquisa de tesouros começou a animar-se há uns quarenta anos, a troca e o desprezo «cheveram» sobre os homens das picaretas, pás e enxadões. Melhores — era como lhes chamavam — doidos varriões não têm em que passar o tempo e se entretêm a revolver o terreno de velhas plantações, a remexer em ruínas com o fim de achar o ouro. Então, um dia, depois de insucesso de forças e tempo! De facto, era para ficar...

Mas, no cubo de trinta a anos de garalhadas irônicas e de zombarias desapietadas, aconteceu qualquer coisa que levou os habitantes daquela região a encetar a pesquisa de tesouros por outro prisma: na plantação de Mr. Comingle desenterrou-se, de facto, um tesouro. Cassou a tropa, houve muito abastar de cabeças e em breve a opinião pública fazia mais volta.

Aquela gente, que não se tinha poupado a esforços, então, não era parva de todo! Tinham calculado bem. Quem diria?

— Já ouviram? Quinhentos mil dólares é o valor da prata que Comingle desenterrou no velho moinho...

—Qué? Quinhentos mil dólares por nada? Duas tápas e um pedaço de baixela?

—Quil! Era um rol de coisas...

—Mesmo assim...

Vieram pessoas entendidas de Washington para ver e avaliar as coisas.

—Não é só o valor material; aquilo também tem interesse histórico. Se Comingle se resolver a vender, torna-se um homem rico.

—Vende, pois claro. Era o que eu faria...

—Sim, se tivesses um tesouro assim na tua plantação, meu caro. Mas não tens...

—Quem sabe? Por que não? Ainda hei-de ver na papaleira velha que lá tenho em casa. Talvez eu seja um ano por não me ter passado isso ainda pela cabeça. Os meus avós eram tão ricos como os de Comingle talvez mais ricos, até. E também tiveram de fugir em 1865, quando o general Sherman aqui apareceu com os seus soldados. Se eu tivesse também enterrado peças de prata nas cercanias. Quem sabe?

E foi assim que o afã de Comingle, até ali tão trocado, se tornou de repente outro que veio a pena imitar. O seu achado sensacional nunca mais deixou as velhas famílias da região descansarem. Aposou-se de toda a gente uma verdadeira febre. Recordavam-se antigas

Desporto

O EQUILÍBRIO DOS CONTENDORES

FOI A NOTA SALIENTE DA JORNADA DE ONTEM

DO CAMPEONATO NACIONAL DE BASQUETEBOL

Os desafios da jornada de ontem tempo, voltou a imperar a dúvida do Campeonato Regional de Basquetebol da Divisão de Honra pouco entusiasmado despertavam, pois nenhum deles tinha influência decisiva para a classificação com excepção da que opunha o Casa Pia ao Nacional de Nataçõ. Por tal motivo, a sessão foi das que menos público levou ao Pavilhão dos Desportos. O jogo do Campeonato não jogava, de modo que os adeptos do Sporting, habituais e numerosos frequentadores do basquetebol, não compareceram.

No primeiro jogo, o Benfica derrotou o Algeiros por 75-71. Os encarnados com um início fulgurante cedo tomaram vantagem no marcador atingindo o intervalo a ganharem por 42-30. Depois, a inépcia de alguns dos seus jogadores, e quase que puerilmente afirmar, o desinteresse de outros, permitiram recuperação seguiu aos jogadores de Algeiros, em especial nos derradeiros três minutos, que por pouco iam surpreendendo os segundos classificados da competição. Jogo demasiado mau para o valor da equipa dos benfiquistas.

Siquidamente, derrotaram-se o Nacional de Nataçõ e Casa Pia. Partida de manifesto equilíbrio em que as igualdades do marcador foram frequentes. O resultado de 62-60 a favor dos «nacionais» é bem conclusivo. Depois de uma série de lançamentos felizes, os caspias conseguiram estabelecer a primeira igualdade dos 20 pontos. Novamente vantagem do Nacional e outra vez empate do Casa Pia (22-22). Mais uma longa lideira e nova igualdade (25-25). Ao intervalo, 27-26 a favor do Nacional. No segundo

tempo, voltou a imperar a dúvida quanto ao vencedor do encontro. Os «nacionais», mais eficazes nos lançamentos, lograram certa vantagem numérica, 58-50, mas consensaram o empate (58-58) quando faltavam apenas noventa e cinco segundos para terminar o desafio. Este derradeiro período foi verdadeiramente emocionante e cada equipa conseguiu cinco pontos. A do Nacional com dois lançamentos obteve 4 pontos e Casa Pia na transição de dois lances livres fixou o resultado em 62-60.

Para o último desafio defrontaram-se Belemenses e Campo de Ourique. Os azuis triunfaram por seis pontos de diferença, 58-52, mas pelo domínio territorial e pelas oportunidades que tiveram mereciam um resultado mais amplo. O seu desempenho nos lançamentos era diagnóstico, permitindo deste modo que os curiqueses reduzissem a diferença. Ao intervalo, 29-26 a favor da equipa de Belem. Ao serem esmialhados os três minutos finais do desafio a vantagem dos belemenses era de 55-45, altura essa em que os adversários conseguiram uma admirável «entrança» anular a diferença. Não conseguiram mais do que melhorar quatro pontos, terminando o jogo com a vitória dos azuis por 58-52.

Alinharam e marcaram:

BENFICA — Sante Freire (2), Jorge Costa, Bernardo Leite (2), José Pinto (15), João Pires (23), José Cruz (15) e Costa Pereira.

ALGEIOS — Pessoa Duarte (6), Dias Pereira (13), Carlos Neves (12), Eurico Perdigão (22), Fernando Brites (12), João Almeida (9), Luis Ermida, José Sebastião (8) e Fernando Bicho.

NACIONAL — Carlos Duarte, A. Sousa (10), Remédios (9), Domingos (12), Hugo (12), A. Almeida (7), Moraes e Ferreira.

CASA PIA — F. Silva (1), Camara, Prates (4), Coutinho (32), Cardoso (19), E. Silva, Ferreira (4) e Xavier.

BELEMENSES — David (7), Brito (10), Espada (18), Franco (14), Azevedo (6) e Delgado.

CAMPO DE OURIQUE — Jorge Afonso (3), Vasco Corvalho (2), Osório (4), José Carlos Santos (18), Portela (12), Alvaro Dias (3), Coelho (8), e Adérito (2).

Dirigiram os encontros as seguintes equipas de arbitragem: José Filipe-Carlos Quintas; Alberto Costa-Afonso Costa e Artur Resende-Angelo Salgado. — C. L.

Belarmino e Julio Martins derrotam-se hoje no Parque Mayer

No estádio internacional do Parque Mayer realiza-se hoje a anunciada sessão de boxe com o encarnado assaio de boxe com o encarnado de fundo, em dez assaltos, entre Belarmino Frago, campeão nacional de pesos-médios e leves, e Julio Martins, apresentado como «pugilista que só se bate com campeão».

O programa, que começa às 21 e 30, comporta mais três combates: Fernando Descamps-Eduardo Rodrigues (aspirante a profissional), Jaime Sanches-José Santos (leves), em exame para profissional — ambos em seis assaltos — e Ernesto Costa-Daniel Branco (médios), em oito assaltos.

Começa hoje o campeonato de badminton de pares-mistos e prossegue o de 2.ªs categorias

Nas salas do Lisboa Ginásio Clube começa hoje a disputar-se o II Campeonato de Lisboa de badminton, de pares mistos, prova que reúne os jogadores. Na sessão de hoje, a partir das 22 e 30, realizam-se três jogos: Maria das Dues França e dr. Gentil Martins (Internacional) contra Maria Rosalina Pereira e Eugénio Rodrigues (Lisboa Ginásio); Ermelinda Rodrigues-Carlos Machado (Triângulo) contra Lenita Chaves e Alberto Fernandes (Orelha); e Maria Susete Lobo-De Orelha Coelho (Direito) contra Julieta Porto-Henrique Porto (L. G. C.).

— Para o campeonato de segundas dos

categorias, jogam-se na sede do Sporting os seguintes encontros a partir das 21 e 30: «Orelha da Silva (Direito)-Vitor Henriques (Sintense)» Fernando de Oliveira (Sintense) — Carlos Santos (Direito), Joaquim Lopo: (Sintense)-Alberto Fernandes (Direito) e Augusto Barbosa (Sintense)-Henrique Martins (Direito).

Termina amanhã a taça «Ricardo Ornellas»

Realiza-se amanhã a última jornada da taça «Ricardo Ornellas», prova de reservas dos clubes da A. F. L. inscritos nos nacionais de futebol das divisões principais: Encontros: Oriental-Sporting, Olivais-Arolos, Belenenses-Athletic e Benfica-Estrela, todos com começo, às 15 horas.

O argentino Longo, seriamente magoado

EVORA, 20. — O argentino Longo, do Lusitano, sofreu um grave acidente no decurso do encontro contra o Torrens. Ficou contuso na canela da perna direita e está impedido de sinhar e treinar-se, temporariamente.

Instruções aos automobilistas que se dirijam no domingo ao Estádio Nacional

O encontro de futebol pelo domínio se realiza no Estádio Nacional entre o Belemenses e o F. C. do Porto, e ao qual assistirá o sr. dr. Juscelino de Oliveira, Presidente-efeito do Brasil, começará às 15 e 30.

Por que se prevê grande afluência de público e para que não haja dificuldades na marcha dos veículos automóveis, deve-se, a partir da Marginal e pela Auto-Estrada, se dirijam ao Estádio, aconselha-se a todos os espectadores que ocupem os seus lugares com a possível antecedência, por forma a evitar-se, à última hora, aglomerações e interrupções do trânsito naquelas vias de acesso.

Informa-nos, por outro lado, o comandante da Polícia de Viação e Trânsito, sr. major Reynaldo Nogueira, que a partir das 14 e 50, o trânsito da Auto-Estrada, no sentido da Boa Viagem-Lisboa, só será permitido aos carros com distintivos de parques de estacionamento, livres-transitos, etc. Os outros deverão dirigir-se a Lisboa pela Estrada Marginal.

A todos os carros que, depois das 14 e 50, ainda circulem no referido ramo da Auto-Estrada, no sentido da Boa Viagem-Lisboa, serão rigorosamente proibidas as ultrapassagens no percurso Estádio-Lisboa, devendo todos os veículos rigorosamente encostados ao lado direito da faixa de rodagem, deixando assim livre, pelo menos, metade da via, para a passagem do cortejo que, entre as 15 e as 16 e 20, se deslocará ao Estádio do Presidente Juscelino.

No final do desafio, a saída far-se-á em tudo, como habitualmente, com intervalos de 4 em 4 minutos.

II Prova de Preparação de Espada

No ginásio do Liceu de Gil Vicente, realiza-se, hoje, às 21 e 30, a primeira sessão da II Prova de Preparação de Espada organizada pela F. P. de Esgrima. Inscreveram-se 33 atletas, distribuídos por 4 eliminatórias, em representação das seguintes Salas de Armas: Clube Shell, C. D. U. L., Campolide A. C., Sala de Armas Carlos Gonçalves, G. D. da Casa H. Vautier, Instituto Superior Técnico, Centro Especial de Esgrima da Mocidade Portuguesa, Centro Nacional de Esgrima e Escola do Exército.

A reunião anual do «Comité» Internacional Olímpico

O sr. dr. José Pontes, membro do C. I. O. e presidente do Comité Olímpico Português dirigiu os trabalhos da última reunião do Comité Nacional e parte anual para Itália (Cortina d'Ampezzo), onde vai participar na reunião anual do Comité Internacional Olímpico.

Fangio obteve o melhor tempo nos treinos do «Grande Prémio da Argentina»

BUENOS AIRES, 20. — Juan Manuel Fangio, campeão mundial argentino, e Stirling Moss, da Grã-Bretanha, obteve hoje os melhores tempos nos treinos para o Grande Prémio da Argentina, no domingo. Fangio percorreu a volta, no seu carro, em 1 minuto e 44,2 segundos, e Moss, em 1 minuto e 44,3 segundos. — (R.).



SEELASTIK
em bisnagas para
usos caseiros
A VENDA EM TODAS AS CASAS DA ESPECIALIDADE
SEELASTIK
em latas e hidons
para usos industriais

SEELASTIK

— O VEDANTE PERMANENTE QUE GARANTE UMA ESTANQUEIDADE ABSOLUTA

SEELASTIK

— PODE SER USADO EM TODA A ESPÉCIE DE CONSTRUÇÕES DE PEDRA E CAL, MADEIRA, METÁLICAS, FIBROCIMENTO, ETC., ETC.

SEELASTIK

— NAO DEIXA ENTRAR A CHUVA, NEM HUMIDADES, NEM AS POEIRAS

MERCADORIAS E MÁQUINAS LDA.

Rua Garrett, 61-59, D.º
LISBOA Telef. 29857



SHERLOCK HOLMES

O SABIO ASSASSINO
FOLHETIM POLICIAL POR "SIR" A. CONAN DOYLE

RESUMO: O professor Moriarty, que é o estranho habitante da casa abandonada de Edimburgo, informa Holmes e Watson, mantidos sob a ameaça do seu revólver, que vai injectá-los com o vírus da peste negra.



QUER DIZER QUE NOS VAI INJECTAR O VIRUS QUE FEZ MORRER ESTES POBRES DIABOS DE PESTE?

TEREI ESSA HONRA! QUEIRAM PRECEDER-ME NA SUBIDA DA ESCADA QUE CONDUZ AO MEU LABORATÓRIO!

MUITO INTERESSANTE! PROFES. SOR MORIARTY! ESTAVA A DIZER JUSTAMENTE A DR. WATSON QUE ESTES TRÊS DESGRAÇADOS MORRERAM HA MUITO POUCO TEMPO!



(Continua)

Página infantil

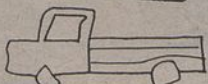


Quim, hoje que já é um senhor muito crescido, ainda se lembra do tempo em que era pequeno andava na rua a brincar ao pião, aos cavalos e à bola.

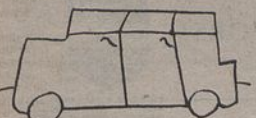
Na rua onde o Quim morava, morava também um senhor que andava sempre a cavalo, porque no tempo em que o Quim era pequeno havia poucos automóveis e os senhores andavam só a cavalo e de trem. Por isso o

Artistas

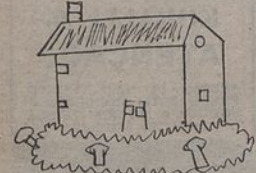
de Palmo e Meio



O menino Henrique Jorge Tracana Jorge, de três anos e meio de idade, de Lisboa, desenhou esta camioneta e disse que gostava muito de a ver publicada. E como quem manda nesta página são os meninos, ela aqui está.



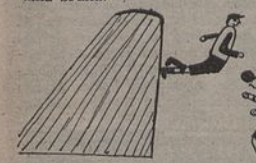
O avô do menino José Manuel Barreto Violante, de quatro anos de idade, de Lisboa, tem um «Opel» e vai o menino José Manuel fez-lhe o «retrato». Ao automóvel, claro.



Esta casa muito bonita, com um jardim à frente, foi desenhada pelo nosso amiguinho Edgar Luis Caramelo Gomes, que tem cinco anos de idade e é de Lisboa.



A menina Maria Teresa Pinto Coelho, de nove anos de idade, de Lisboa, desenhou esta velhota de nariz de papagaio e diz que é uma bruxa.



deste desenho chama-se José An tónio Sequeira Alvarez, tem nove anos de idade e é de Lisboa.

O CAVALEIRO DAS ESPORAS DE LATA

HISTÓRIA DE NORBERTO SENA — BONECOS DE JOSÉ DE LEMOS

Quim e os outros meninos, daqueles tempos, gostavam muito de brincar aos cavalos e, por brincar aos cavalos, gostavam também todos muito daquele senhor que tinha muitos cavalos e morava na mesma rua.

Um dia, o senhor Dom José (era assim que se chamava o cavaleiro que morava na esquina da rua), que, cor-o sempre, deixava um criado a passear o ca-

que não tinha umas esporas para quando voltasse a montar um dos cavalos daquele senhor, que já era seu amigo e que com certeza havia de querer que ele de futuro ficasse sempre a ajudar o criado a passear o cavalo. E, então, resolveu queixar-se ao avô que compreendia sempre melhor do que os pais os seus importantes problemas. E assim foi. O avô ouviu muito atento a aventura

umas esporas da mais reluzente folha que se possa imaginar. Levou-as para casa muito contente e dormiu com as esporas bem perto de si, como se fossem um tesouro muito grande.

Na manhã seguinte, ainda muito cedo, já o Quim estava a pé, tilintando as rosetas das suas esporas novas, á espera que o Senhor Dom José viesse e o pusesse outra vez «em cima do cavalo enquanto almoçava. Mas o Dom José não veio naquele dia, nem nos outros seguintes, e as esporas do Quim acabaram por enferrujar, esquecidas junto dos outros brinquedos, sem nunca serem utilizadas...

Hoje, o Quim, quando está á espera de que lhe aconteça uma coisa boa, que muito deseja, mas que não acontece, já não chora porque é muito, muito crescido, mas lembra-se sempre, com um sorriso triste, das esporas de lata que lhe fez o avô.



valo, enquanto lá almoçar, reparou que o Quim ficava muito apaixonado a olhar para o cavalo e a passear também para cá e para lá, ao lado do criado. E, então, cor-o era muito bom e muito amigo de meninos, pegou no Quim por baixo dos braços e escaranchou-o no cavalo, recomendando ao criado que tivesse muito cuidado e não deixasse cair o menino.

Para o Quim aquele teria sido o dia mais feliz da sua vida... em cima de um cavalo a sério; com os pés nos estrébs, que o senhor tinha posto mais curtos; a ouvir um chiar especial do couro da sela que os aríes fazem quando o cavalo anda e a sentir no nariz um cheiro também especial que só os cavalos a sério têm. Mas o Quim não era feliz porque não tinha esporas!

Quando o senhor Dom José voltou do almoço, pegou sorridente no Quim e pô-lo no chão. O Quim, todo trémulo de emoção pela aventura maravilhosa que tinha vivido, parecia que não sabia andar; mas, mesmo assim, parecendo que nem sabia andar, correu a casa a contar aos pais que tinha estado a cavalo e precisava agora de umas esporas para quando o senhor da esquina viesse almoçar ele poder, como naquele dia, ficar a passear a cavalo.

Os pais do Quim, como muitas vezes acontece aos pais, não compreenderam quanto era importante para ele o ter umas esporas. Disseram-lhe até que era perigoso ele sentar-se num cavalo se tivesse umas esporas, porque podia picá-lo e cair com algum pulo que o cavalo desse.

Estas razões que os pais apresentavam, como muitas vezes acontece aos meninos, o Quim também não compreendia.

O que é verdade é que o Quim ficou muito infeliz e choroso por

Aqui está o guarda-redes mais original do Mundo. Quando vê uma bola e por detrás da bola um avançado do grupo adversário, a minha pela baliza acima.

— Você é uma pessoa de uma educação muito fina. E, além de fina, é, ipso-facto e vice-versa, uma pessoa muito inteligente.

que ele lhe contou de ter andado a cavalo e deu-lhe muita razão quanto á necessidade imperiosa que ele tinha de umas esporas. E, logo naquele dia, meteu mãos á obra e passaram a tarde os dois a trabalhar, tendo á noite o Quim



— Olha quem ele é! O senhor baronês! Como está Vossa Excelência o senhor baronês, mais a Excelentíssima família barbanesa de Vossa Excelentíssima Excelência?

— A minha pessoa está de perfeita saúde. E a barbanesa família da minha pessoa está, talqualmente, ipso-facto, vice-versa e paralelamente de perfeita saúde.

— Muito bem. Com tanta saúde, a barbanesa casa de Vossa Excelentíssima Excelência o senhor baronês é, ipso-facto, vice-versa e paralelamente uma casa de saúde. Uma barbanesa casa de saúde.

— Você é uma pessoa de uma educação muito fina. E, além de fina, é, ipso-facto e vice-versa, uma pessoa muito inteligente.



Até dá gosto encontrar uma pessoa tão fina e tão inteligente.

— Se Vossa Excelentíssima Excelência o senhor baronês tem muito gosto em encontrar a minha pessoa, a minha pessoa pode ir almoçar e jantar todos os dias a casa de Vossa Excelentíssima Excelência o senhor baronês.

— A minha pessoa disse que gostava de encontrar a sua pessoa de você, não disse que gostava que a sua pessoa de você encontrasse a minha pessoa. Se a sua pessoa for a casa da minha pessoa, não é a minha pessoa que encontra a sua pessoa, é a sua pessoa que encontra a minha pessoa.

— E' uma explicação muito explicativa.

— E depois desta explicação



EXPOSIÇÃO DE AVES

Há dias, entre a ilustre assistência á Exposição de Aves Canoras e Ornamentais encontrava-se o menino Daniel d'Assumpção Müller.

O menino Daniel andou de um lado para o outro, muito interessado, a olhar para as aves engaladas e não escondia a sua admiração. E quando voltou para casa e lhe perguntaram se tinha gostado da Exposição, o menino Daniel respondeu que tinha gostado muito. E disse mais:

— E havia lá um papagaio, todo amarelinho, muito bonito, chamado Arara.

TEATRO RELÂMPAGO



Cena única com dois personagens: O senhor e o menino.

O Senhor: Pedrinho, vamos embora.

O Menino: Papá, eu queria ver os macacos que estão naquela jaula, além.

O Senhor: Está bem, vai lá ver. Mas não os vejas todos, deixa ficar alguns para quando cá voltarmos.

Coi o pano



muito explicativa a minha pessoa despede-se de você com os mais respeitosos cumprimentos.

— E aonde vai agora Vossa Excelentíssima Excelência o senhor baronês?

— A minha pessoa vai comprar um par de sapatos. Ou talvez um par de botas. A minha pessoa está indecisa: não sabe se há-de comprar um par de sapatos ou um par de botas. De que é que você gosta mais: de sapatos ou de botas?

— A minha pessoa não sabe! — Então você não sabe se gosta mais de sapatos ou de botas?

— Não. A minha pessoa nunca comeu botas nem nunca comeu sapatos. Por isso, a minha pessoa não sabe se gosta mais de botas ou se gosta mais de sapatos.

Vauxhall 1956

PRAZER EM O CONDUZIR - ORGULHO EM O POSSUIR

WYVERN — 4 cil.

VELOX — 6 cil.

CRESTA — 6 cil. de luxo



Os novos modelos apresentam características inéditas que proporcionam —

NOTÁVEL ECONOMIA!

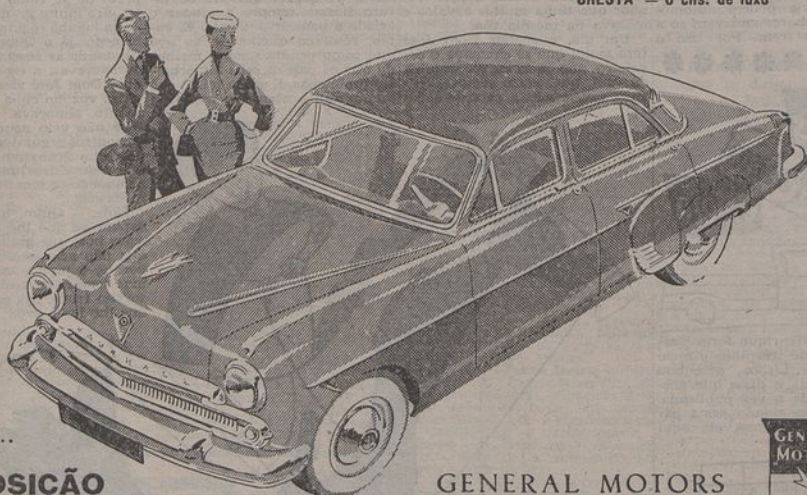
ELEVADA POTÊNCIA!

MAIOR COMODIDADE!

Veja-o hoje mesmo...



EM EXPOSIÇÃO
NOS NOSSOS CONCESSIONÁRIOS



GENERAL MOTORS

RUA PARTICULAR N.º 1 (ALCANTARA) - TEL. 63181 - LISBOA



EM TODO O PAÍS POR
MECÂNICOS TREINADOS NO
INSTITUTO TÉCNICO G. M.

MALA REAL INGLESA

ROYAL MAIL LINES, LIMITED

AGENTES EM LISBOA:

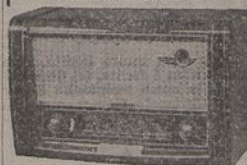
JAMES RAWES & C.º LTD. e E. PINTO BASTO & C.ª, L.ª

PAQUETES	Esperados em:	Destino	Recebendo	Consignados a:
m. v. «Highland Brigade»	22 de Janeiro	VIGO e LONDRES	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes. Carga Geral.	E. PINTO BASTO & C.ª, LD.ª Avenida 24 de Julho, 1-1.º Tel. 31581 (7 linhas)
s. s. «Alcantara»	31 de Janeiro	FUNCHAL, LAS PALMAS, RE- CIFE, SALVADOR, RIO DE JA- NEIRO, SANTOS, MONTEVIDEO e BUENOS AIRES	Passageiros de 1.ª 2.ª e 3.ª classes. Carga Geral e de frigorífico	JAMES RAWES & CO., LTD. Rua Bernardino Costa, 47 Tel. 23232/3/4
m. v. «Highland Chieftain»	5 de Fevereiro	VIGO e LONDRES	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes Carga Geral.	E. PINTO BASTO & C.ª, LD.ª Avenida 24 de Julho, 1-1.º Tel. 31581 (7 linhas)
m. v. «Highland Brigade»	15 de Fevereiro	LAS PALMAS, RIO DE JANEI- RO, SANTOS, MONTEVIDEO e BUENOS AIRES	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes. Carga Geral e de frigorífico	

SCHAUB

KORALLE 56
ATENÇÃO!

APESAR DO SEU MODICO
PREÇO ESTE MODELO RE-
PRODUZ A MUSICA NA SUA
MAXIMA NOBREZA



ESC. 2.550\$00
COM SCHaub NÃO SE OUVE
TELEFONIA, OUVE-SE PURA
MELODIA

PICO



Acabe com os aborrecimentos da
roupa estendida à janela, compran-
do, nos bons estabelecimentos da
especialidade, a mais sensacional
máquina de secar roupa. Representa-
nte — Apartado 20/115 Lisboa-
Norte. Agente no Norte: Avelino
Machado Junior, Rua do Almada,
450-1.º, Porto.

HIPOTECAS
FAZ SE AUTOMÓVEIS, OU
PRÉDIOS, RÁPIDO - SIGILO
A FINANCIADORA
TELEF. 24446 - LISBOA

AVEN-
TURAS
DE
RUÍ-
NO



BOLSA DE LISBOA

VALORES			CAMBIOS (Notas)	
	Efec.	Comp./Venda	PAISES	Compra Venda
Fundos do Estado				
Cons. 2 1/2 % 10	8925	8925	8335	
Cons. 3 % T. 10	9505	9505	9505	
Cons. 3 1/2 % T. 10	1.0205	1.0195	1.0215	
Centenários 4 %	2.2555	2.2555	2.2555	
Externas 1.ª car.	1.2355	1.2345	1.2355	
Externas 3.ª série	—	1.4005	—	
Externas 3.ª car.	—	1.4045	1.855	
Caut. da 3.ª série	—	1.845	1.855	
Accões de Bancos				
Alentejo	4705	4655	4755	
Angola	1.0505	1.0505	1.0605	
E. Santo. port.	—	—	9.0005	
L. & Açores. port.	—	—	—	
Porto. port.	2.4005	2.3805	2.4205	
P. do Atlântico	—	—	—	
Ultramarino. port.	—	9805	9905	
de Seguros				
Bonança	—	—	—	
Fididade	—	—	—	
Mundial	7705	7655	7755	
Nacional	—	—	—	
Sagres	—	—	—	
Tranquilidade	—	—	—	
Ultramarina	—	—	—	
Soberana	—	—	—	
Electricas				
Elect. Beiras	—	1.5205	1.5305	
Gás. Electr. cup.	3235	3225	3235	
H. S. A. Alentej.	1535	1535	1535	
H. E. Cavado	1.5705	1.5655	1.5705	
Z. E. do Douro	—	—	—	
H. E. Portuguesa	1.5555	1.5505	1.5605	
H. E. do Zêzere	1.6405	1.6305	1.655	
Nac. Electricidade	—	2405	2425	
U. Electr. Port.	—	—	—	
Ultramarinas				
Ag. das Neves	—	1.3205	1.3305	
Ag. Ultramarina	—	5605	—	
Ag. Colonial	1.0305	1.0205	1.0405	
Acucar Angola	—	—	3.505	
Beja Vista	—	—	3.405	
Boror	—	5655	5755	
Boror Comercial	—	645	—	
Buzi	—	3935	3985	
C. Ang. de Agr.	—	4.2605	4.305	
Cabinda	—	4175	4255	
Cassequi	2.1205	2.1155	2.1255	
Il. Principe	2.8005	2.7905	2.8105	
Mocimboque	18355	1835	18355	
Zambézia	23355	23355	2345	
Incomat	4.4005	4.4505	4.4805	
Diversas				
Ag. Lix. port.	—	—	—	
Ag. Lix. 1936. p.	—	2305	2405	
Ag. Lix. 1934. p.	—	4655	—	
Cim. Leiria. port.	6254	6254	6255	
Cr. Preda. port.	—	3255	3495	
Ind. Alcan.	—	4435	4445	
Ind. 2.ª e Colónias	1.8905	1.8605	1.9005	
Nac. Navegação	7155	7155	7175	
Col. Navegação	—	1.3455	1.3605	
Port. Pesca. port.	—	4705	4765	
Port. Tab. cup.	—	6185	6275	
Tab. Port. cup.	—	2.1005	2.1205	
Celulose	—	—	—	
Obrigações				
Ag. Lix. 4 1/2 %	—	745	—	
Gás. 3 1/2 % 944	—	9735	—	
Gás. 3 1/2 % 945	—	9735	—	
Gás. 3 1/2 % 947	—	9805	—	
Gás. 4 1/2 % 948	—	9905	—	
Gás. 4 1/2 % 951	—	1.0105	1.0125	
Gás. 5 % 952	—	1.0405	1.0455	
H. E. Cáv. 4 1/2 %	—	9975	—	
H. E. Port. 4 1/2 %	—	—	—	
H. E. Port. 5 1/2 %	—	—	—	
H. E. S. E. 3 1/2 %	—	9035	9035	
H. E. Zêzere, 4 1/2 %	—	9935	—	
Nac. Electr. 4 1/2 % 49	—	—	—	
U. E. P. 3 1/2 % 46	—	975	—	
U. E. P. 4 1/2 % 47	—	—	—	
U. E. P. 5 1/2 % 48	—	—	—	
U. E. P. 5 1/2 % 49	—	1.015	1.025	
U. E. P. 5 1/2 % 50	1.0255	1.0255	—	
Metropolitano 4 1/2 %	—	1.0455	—	

Números premiados NA LOTARIA DE HOJE

62102	1.000.000\$00
Aproximações ao 1.º prêmio:	
62101	8.175\$00
62103	8.175\$00
21069	100.000\$00
1958	50.000\$00
Premiados com 20.000\$00	
4283	14642 18828 59996 64775 69386
Premiados com 10.000\$00	
4242	5410 6347 12129 13710 14882
16971	17557 42533 50575 50927 53765
62671	68791 73064 74965
São premiados com 1.500\$000 os números terminados em 102.	
São premiados com 250\$000 os números terminados em 02, e com 150\$000 os terminados em 69 e 58.	
Têm o prêmio de 200\$00 os números de 62101 a 62200, de 21001 a 21100 e de 1901 a 2000.	
Têm o prêmio de 100\$00 os números terminados em 1, 2 e 3, excepto os que terminem em 02.	
Avisamos os nossos leitores de que devem consultar a lista oficial da Misericórdia.	

Soc. Cambista José Boniz

Notas estrangeiras e títulos de crédito
Moedas e barras de ouro e prata
XS, RUA AUGUSTA, 53 - Telef. 28901
Endereço telegráfico: ZINOB

1/2 BIFE 6\$00

COMIREB - P. EUGENIO SANTOS 22

Palavras Cruzadas

HORIZONTALIS

1 - Bacia; boie-
quim; prep. 2 -
Distar; leveite;
pron. reflexo. 3 -
Não comparecera. 4 -
Ali; árvore turbin-
tacea; aqui. 5 -
Carimbo; nome fe-
m. 6 - Terra portu-
g.; vegetal. 7 -
Curo; transfere
para outro dia. 8 -
Batriquo; base ne-
ra portug.; aque-
las. 9 - Pensar. 10 -
Conj.; nome de fe-
tra; despido. 11 -
Nota mus.; apre-
ce; igual (fasm.).

VERTICAIS: 1 -
Parente; isóados;
prep. 2 - Clima;
conduzir; interj. 3 -
conversaram. 4 -
Rezo. 5 - Preceiti;
comp. poéticas. 6 -
De estatura eleva-
da; banheira. 7 -
Verdadeiro; liguei. 8 -
Desperar. 9 -
Borás; rjeito; não
(ent.). 11 - Pron. poss.; filei-
ra; caminho.

Solução do problema de ontem

HORIZONTALIS: 1 Jaca; re-
gar. 2 - Ovar; penedo. 3 - Ferina;
mesas. 4 - Repare; toa. 5 - Bram;
ca. 7 - CR; iros. 8 - Eme; avivava. 9

EM POUCAS LINHAS

Foi criado em Odivelas um sub-
posto da G. N. R. com o efectivo de
um segundo cabo e cinco soldados.
— O sr. dr. José, esposo do Ama-
rai, foi nomeado, interinamente,
adjunto do Instituto de Assistência
à Família.
— A folha oficial publicou hoje o
regulamento do serviço de abasteci-
mento de água à vila de Agueda.

PIANOS ALUGAM-SE

Verticais e de cauda
Est. Valentim de Carvalho, L.^{da}
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

NAS 3 EXTRACÇÕES
JÁ REALIZADAS EM 1956

A

Casa da Sorte

DISTRIBUIU

3 PRÊMIOS GRANDES

NA DE HOJE:

1.º PRÊMIO

6 2 1 0 2

1.000 CONTOS

MAIS UM BILHETE COM O
CARIMBO DA SORTE

DA

Casa da Sorte

DE

LISBOA — PORTO — COIMBRA — BRAGA
LUANDA — LOURENÇO MARQUES

MAIS UM PRÊMIO GRANDE
VENDIDO PELO

CAMBISTA TESTA

1958-50 CONTOS - 3.º PRÊMIO

Bilhete enviado ao nosso sócio sr. José da Costa Campos, do Porto
APROVEITE A «MARE DA SORTE» E HABILITE-SE NO

CAMBISTA TESTA

PARA AS PRÓXIMAS LOTARIAS

Bilhetes a 200\$00 — Vigésimos a 10\$00

CAMBISTA TESTA

74, RUA DO ARSENAL, 78

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

PREÇOS DE POLICLÍNICA

CONSULTAS DIARIAS DAS 9 AS 20 HORAS

C. BENTO DA ROCHA CABRAL, 1 (AO RATO) — TEL. 664991



3
A casa da D. Rosa lembrava a Rosa dos Ventos, as criadas não paravam com mil aborrecimentos.



4
Fosse a Maria Zambézia, fosse a Zulmira Maria, nenhuma criada estava lá na casa mais que um dia!



5
E pascou? Tantas as partes! Porque o mar da Rosa gostava de vestir bem uma camisa jeitosa.



6
Uma camisa distinta, bem cuidada e enxada; E é aqui que está o X dessa tremenda menda.



7
Porque por mais que passassem a ferro qualquer camisa, ninguém sabia engomar de forma justa e precisa...



8
Sempre o marido zangado! Tristeza profunda e cruel! E a Rosa para se vingar, punha a criada na rua...



9
Correram meses e anos, mil criadas lá passaram, e as camisas enrugadas afinal... continuaram!



10
Até que um dia feliz alguém gentil e cortês lembrava as belas camisas que há no Rossio, 110.



11
Que beleza, que delicança e que fáceis de engomar! As camisas da «Modernas» são a alegria do lar.



12
Passam-se a ferro uma vez com jeito e devagarinho, não fazem pregas no pelo nem rugas no colarinho.

(Versos de José Castello)

ESTAÇÃO DE SERVIÇO «SMITHS»



ABRIU AS SUAS NOVAS E MODERNÍSSIMAS INSTALAÇÕES, ONDE, PELOS PROCESSOS TÉCNICOS MAIS APERFEIÇADOS, E ÚNICOS NO PAÍS, PROCEDE À REPARAÇÃO DE TODA A ESPÉCIE DE APARELHOS DE CONTROLE E PRECISÃO DE AUTOVIATURAS DE QUALQUER MARCA

FAÇA-NOS UMA VISITA ANTES DE ENTREGAR A UM CURIOSO A REPARAÇÃO DO SEU CONTA QUILOMETROS

AVENIDA PRAIA DA VITÓRIA, N.º 73-B
TELEFONE 58141

A COR DOS CABELOS



SYRIAL — o shampoo das 12 tonalidades naturais — restitui aos cabelos, ainda mais viva, a sua cor natural, ou dá-lhes, se se quiser, aquela que se ambiciona.

SYRIAL não sendo uma tinteira, revolucionou a técnica de dar a cor que se deseja aos cabelos.

Se teme, portanto, ver embranquecer os seus cabelos ou preferindo embelezá-los com uma nova cor, deve começar a usar, desde já o shampoo Syrial. Escolha a cor adequada ao seu caso: Preto — Castanho escuro — Castanho — Castanho claro — Loiro escuro — Loiro médio — Loiro ouro — Acajou claro — Loiro mate — Loiro claro — Branco Platina — Acajou escuro — Cada, etc. 12550. A venda nos bons estabelecimentos, não encontrando no seu fornecedor habitual, dirija-se ao agente geral para Portugal e Ultramar: J. Santos — Rua de S. Hedeonso, 29 — Porto — que enviará a cobrança.

LEIA, AS TERÇAS-FEIRAS E SÁBADOS, «RECORD»

A FÁBRICA ALEMÃ BISCHOFFWERKE

tem a honra de convidar os Ex.ªs Senhores Empreiteiros a assistir às experiências em Portugal do tractor universal

POLYTRAC



cuja demonstração estão a ser efectuadas pelo técnico-chefe da fábrica nas obras de construção da estrada Cascais-Guinchão, adjudicadas aos Ex.ªs Srs. Empreiteiros António Boavida e Filipe Soares AS ENTIDADES INTERESSADAS DEVERÃO DIRIGIR-SE AOS DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL

Telef. 771228 — MINASTELA, LDA. — Rua D. Filipa de Vilhena, 12

Evite e combata constipações, gripe, tosse e anginas com o Floromental (Pastilhas). À venda em todas as Farmácias.

OS TRÊS MOSQUETEIROS

SEGUNDO O CÉLEBRE ROMANCE DE ALEXANDRE DUMAS 158



- 1 — Abatida pelos primeiros efeitos do veneno, Constança desmaiara nos braços de D'Artagnan. De todos os presentes, Athos era o único que começava a entrever a horrível verdade.
- 2 — Aramis corre para a mesa, para pegar num copo de água, mas detém-se vendo a horrível alteração do rosto de Athos, que contempla uma das relíquias.
- 3 — Entretanto, Constança reabriu os olhos. E Athos perguntou-lhe o que significava aquele copo variado. A infeliz, arqueante, diz que foi a sua amiga que lhe deu a beber, para reabrir forças. E pronuncia o nome de «Lady» de Winter!
- 4 — D'Artagnan sente-se á beira de um abismo. Lembra-se de «Milady»... Constança... o copo. Mas, apesar de tudo recusa-se a acreditar. Athos deve ter-se enganado.
- 5 — Infelizmente, não é possível duvidar. O belo rosto de Constança está horrivelmente contraído e os seus olhos já não têm expressão, enquanto um tremor convulsivo lhe agita o corpo. D'Artagnan, como louco, abraça-a. (Continua)

É MELHOR, MAS NÃO É MAIS CARO

jura

GARANTIDO POR DOIS ANOS

O FERRO AUTOMÁTICO QUE NÃO AVARIA E DURA MAIS PORQUE TEM O TERMOSTATO FORA DA ZONA DE CALOR

Uma maravilha da indústria suíça

À VENDA NAS BOAS LOJAS DE UTILIDADES

Representantes: J. B. da Costa, 44-46-48 Tel. 12100 - Lisboa

M. SIMÕES JR., 1.ª - Avenida, 722-724 - Tel. 24492 - Porto

EXCURSÕES CAPRISTANGOS

DIAS 21/22

À COVILHÃ
SPORTING DA COVILHÃ-BENFICA

DIA 22

A TORRES VEDRAS
TORREENSE-SPORTING

A FÁTIMA
TODOS OS DOMINGOS

Informações:
Avenida da Liberdade, 72-A
Telefone 35595

Sociedade «ESTORIL»

Caminho de Ferro do Cais do Sodré a Cascais

AVISO

ALTERAÇÕES AO CARTAZ-HORARIO H. 33

No dia 22 de Janeiro de 1956 Por motivo do desafio de futebol «BELENENSES-PORTO», no Estádio Nacional, haverá no próximo dia 22 de Janeiro serviço especial de comboios, com início às 13-08, e serão:

SUPRIMIDOS OS COMBOIOS ASCENDENTE: 1053, que parte do Cais do Sodré às 14-27. DESCENDENTE: 1056, que parte do Estádio às 17-16.

Lisboa, 17 de Janeiro de 1956.

O Engenheiro Director, A. Bual

COVILHÃ — BENFICA

Sábado, 21, partida às 13 h.

Domingo, 22, regresso às 18 h.

por SANTAREM, ABRANTES e CASTELO BRANCO

PREÇO 115500

Inscrições e informações:

COMPANHIA SINTRA ATLANTICO

Rua da Glória, 43 — Telef. 20267

FOLHETIM DO «DIÁRIO POPULAR» - N.º 54

O diamante sagrado

GRANDE ROMANCE POLICIAL
POR WILKIE COLLINS
TRADUÇÃO DE BAPTISTA DE CARVALHO

Betteridge também gostaria de vir conosco mas minha prima pediu-lhe que ficasse a fim de preparar a casa para nós vivermos, após o nosso casamento.

Não consegui convencer o Dr. Jennings a acompanhar-nos a Londres e foi com tristeza que dele me despedi na estação. Prometi que voltaria em breve para lhe agradecer, como devia, tudo quanto fizera por nós e assegurei-lhe que ainda havia-nos de passar horas alegres no Yorkshire mas o médico sorriu tristemente e murmurou:

— Não é natural, sr. Blake. O meu fim está próximo. Mas é consolador morrer depois de praticar uma boa acção. Seja feliz!

Parti, de coração oprimido.

Ao chegarmos a Londres, o sr. Bruff foi abordado na estação por um rapazinho de olhos vivos. Despedindo-me de Rachel e de sua tia e deixando lugar num trem para cuja belia subiu também o rapazinho.

— Já tive novas do sr. Luker — disse-me o advogado. — Há uma hora que de sua casa escoltado por dois policiais a palha que encasquilha de vigiar o sr. Luker e a revelar os indianos.

— Também vamos para o Banco?

— perguntou.

— Sim. Viu o rapazito que foi ter comigo à estação?

— Vi, sim. Quem é?

— Chamam-lhe Gooseberry. E empregado no meu escritório e vivo como um corral. Foi a ele que encarreguei de vigiar o sr. Luker e me manter ao corrente do que se for passando.

Ao entrarmos no Banco, cheios de clientes, dois detectives acercaram-se do sr. Bruff e comunicaram-lhe que o sr. Luker entrara para o gabinete da direcção havia cerca de meia hora e ainda não encontrava lá.

Resolvemos esperar.

Ohei em torno de mim. Dos indianos, nem sombras. A única pessoa que tinha a tez pronunciadamente escura era um homem alto, magro, de olhos azuis, que parecia marinheiro. Seria algum deles, disfarçado? Impossível! Era demasiado alto para indiano e o seu rosto, de espessa barba negra, tinha traços de europeu.

— Talvez seja um espião deles — olvitou o sr. Bruff.

De súbito, Gooseberry puxou pela manga do casaco do advogado. O sr. Luker saía do gabinete da direcção, acompanhado pelos dois policiais.

— Não o percas de vista — sussurrou o sr. Bruff. — Se ele passar o diamante a alguém, dá o alarme.

Sem reparar em nós, o usuário dirigiu-se lentamente para a porta. Ao passar por um homem baixo, de rosto cinzento, a sua mão esquerda moveu-se, quase imperceptivelmente.

— Vi? — perguntou ao sr. Bruff.

— Vi, sim.

Um dos detectives contratado pelo advogado, seguia o sr. Luker, bem como Gooseberry. O advogado parecia aborrecido.

— Bem, temos nós próprios de seguir o homem de fato cinzento — disse ele, contrariado. — Que coisa desagradável, para um homem da minha idade e na minha posição!

Quase correndo, seguimos o nosso homem, que daí a pouco entrava numa tabacaria.

Depois de ele sair, o sr. Bruff entrou no estabelecimento, por seu turno e trocou algumas palavras em particular com o empregado. Momentos depois voltava, desapontado.

— Sr. Blake! Somos os piores detetives do Mundo! O homem de fato cinzento está empregado numa loja lá mais de trinta anos. Foi ao Banco a mandado do patrão.

Chegados ao escritório do sr. Bruff deparamos com o segundo detective que aguardava o advogado.

— Tenho de lhe dizer que me enganai, senhor — disse o homem. — Pareceu-me que o sr. Luker tinha passado qualquer coisa a um homem que se encontrava no Banco, e afilado chegou à conclusão de que esse homem é um honrado mercante.

— Onde está Gooseberry? — perguntou o sr. Bruff.

— Não sei, senhor. Não o vi desde que saí do Banco.

Depois do jantar o detective que seguia o sr. Luker informou o sr. Bruff de que o usuário se dirigira directamente para casa, depois de sair do Banco, e que mandara embora os dois policiais. Ns arredores da casa dele ninguém aera pela presença de quaisquer indianos e o sr. Bruff ficou satisfeito.

— Cançado de esperar, o sr. Bruff foi para casa e eu fui visitar Rachel.

Quando cheguei a casa, tinha lá um recado de Gooseberry ir lá na manhã do dia seguinte.

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

Um conto por dia

O CONTO DE NATAL PELA RÁDIO

Por MARIA TELMA

nosso espírito tem, por assim dizer, paladar e assim como a vida só sabe no Outono, a melancolia no Verão e o morango na Primavera, assim também nos sabe bem leitura suave numa tarde de Maio e leitura profunda numa tarde de filosofia, que requer meditação, numa noite de Inverno ao som de churruadas fustigando os vidros das janelas.

Tem portanto o nosso espírito um pouco a sensação do tempo, a sensação da época. Ora nenhuma época deste rosário de 365 dias, que o calendário chama ano, tem a suavidade, a beleza, a ternura do Natal. É uma quadra que todos nós, os de hoje, os de ontem e os de amanhã, sentimos e vivemos mais intensamente. É quando a saudade do mais e a felicidade mais brilha e se esconde, e nem um de nós se lembra do mês de Dezembro, gelado e chuvoso, a visão de Jesus pequenino, sobre palhas rijas que não aconchegam, numa lida de humildade e de amor. É a alma que dessa época é escolhida entre as histórias simples e puras, onde perpassa a chama consoladora da fé. Um conto de Natal, por mais simples que seja, chama-nos à leitura, factos reais e factíveis, fantasia andam nela de braço dado, e nada nos surpreende, tudo achamos natural, verosímil, porque a época é de milagre.

Quantos anos havia já que a Maria Eduarda estava apaixonada! Quantos. Criei anos iguais, frios, sem mudanças! Somente a transformação da filha a alterar o seu panorama de todos os dias. Já lá iam distantes os cabelos brancos e a boquinha amarelada de bebé. Agora já o cabelo lhe crescera, tinha duas tranças sedosas e a boca maninha-se fechada quando não gargalhava pela casa o que acontecia perto aínda mais a noite. Nos momentos que o trabalho lhe deixava livres a Maria Eduarda fechava os olhos e deixava o pensamento para o passado, para esse passado que parecia mais a noite. Foram apresentados por um amigo comum e dançaram... dançaram toda a noite, ela no seu vestido de tule branco que tanto prazer lhe dera, ele no seu smoking, a noite a dizer com a expressão um pouco carregada do ambiente que no entanto acusava lampejos de alegria ao fita-lhe o interesse. E atraídos por afeição verdadeira encontraram-se no pólvoro mimosos. Ambos ávidos de carinho, que a falta dos pais lhes roubaram da vida, realizaram o seu sonho num verdadeiro encantamento. Rui terminara a noite a dizer com a voz de logo se colocar. A Maria Eduarda faltavam-lhe ainda dois anos para terminar o seu e não o completou. Rui ganhava o suficiente para manter um bom e bom amor, preenchendo todas as horas. Depois, uma filha veio redobrar-lhes a felicidade e assim passaram anos que para eles mais pareciam dias. Ao enfeitarem, porém, o seu terceiro ano de casados, um redemoinho da sorte veio transformar tudo. Entrou-lhes em casa como um pé de vento que num momento levanta cortinas, tomba jarras e arrasta papéis. Oh! aquela ciclone devastador que lhe arrancou o marido para lá longe!!!

Fora assim de repente... O Rui chegara a casa desvalizado, uma discussão com o dono da fábrica onde trabalhava, levantara-o a pedir a demissão do seu lugar. Perdera o emprego e bem sabia pelos colegas de sempregrados — eles eram tantos — que era o problema de um lugar. Depois passaram-se semanas sobre semanas sombrias, sem restes de luz, feitas de tentativas, de pedidos de recomendações inúteis... Os fins dos meses apreciavam como uns fantasmas, exigindo dinheiro... Economias? Não as tinha, a vida começara agora e só com o seu trabalho contaria. Uma tarde — como a Maria Eduarda se recordava de todos os pormenores desta conversa — o Rui viera da rua e com rodeios a tentar evitar a cruzada do que ia dizer e que tanto lhe fazia também a ele doer a alma, disse então a Maria Eduarda, tinha lá um colega, o Ze Vasco.

C. M. L.

HASTA PÚBLICA

Venda de estrume das reses abatidas no Matadouro-Prigirífico Municipal de Lisboa, das 15 horas em diante, das raspas dos peixões dos ovinos relativos ao ano de 1956. Pelo presente anúncio faz-se saber que da hasta pública em referência marcada para 22 de corrente das 10 h. no Pavilhão dos Desportos, é retirado o produto (estrupe) a que se refere a alínea a) do artigo 2.º das respectivas condições publicadas no «D. M.» n.º 6218, de 6/1/56. Lisboa, 19/1/56. O Vice-Presidente, L. Pastor de Macedo.

e qualquer coisa seria possível conseguir-se. Assim é que não podiam esperar mais a situação começava a ser difícil. Tinha que ser assim, e o Rui mostrava-se optimista; logo que tivesse tudo em condições ela iria com a pequenita e onde os três estivessem estaria a felicidade. A Maria Eduarda teve que concordar: tinha tanta confiança no marido! E partiu. Quando ela se viu só julgou que a luz desaparecera da sua casa, de tal maneira tudo lhe parecia triste, escuro, parado... Passado tempo voou a primeira carta um pouco desiludida... O Ze Vasco vivia mal, tinha um emprego mau, e a Maria Rui a que poderia ele arranjar? E pouco mais a carta dizia a não ser saudades, tristezas da separação. Assim decorreram mais anos. Por vezes conseguia a substituição de colegas ausentes mas, mais nada. Que desolação a Maria Eduarda sentia nessas cartas onde apesar de tudo ele punha sempre uma nota de esperança, dando um novo lugar prometido... Depois vinha outra, onde mais a vez descrevia a promessa falhada... era assim há três anos.

A Maria Eduarda, logo após a partida do marido, tomara uma resolução: arranjar discípulos e dava explicações. Trabalhava muito, é certo, mas podia garantir ao marido que aqui na sua casa se ia vivendo sem maiores aflições financeiras, o que tranquilizava o pobre rapaz, sempre atormentado pela ideia de que a mulher e a filha vivissem com privações. Agora havia mais de um mês que não chegavam notícias, e ela bem sabia porque. Era o desanimo. Que luta a do pobre Rui! A Maria Eduarda, naquela tarde noventa de Dezembro, em que a vizinhança só falava na festa do Natal, estava — como sempre que o marido não vinha — a ouvir o aparelho de rádio fazendo virar com mão nervosa o botão, nas pesquisas constantes de encontrar postos americanos, numa ansia de notícias dele, que lhe fazia nunca por um minuto, mas que preenchiam o vazio a sua necessidade de contacto com essas terras distantes que lhe guardavam o marido, sem parecerem querer favorecê-lo... Numa carta

para o Rui escrevera ela havia pouco tempo: «Através da telefonia que não larga, vivo agarrada às emissoras americanas, porque elas tento sentir-me um pouco ligada a ti».

Agora — havia uns dois dias — ela conseguira captar um posto onde se davam notícias em português, e o pobre Rui, a sua, parecera-lhe descolir na voz do locutor, certas semelhanças com a voz do Rui... E tão fácil deixara a sugestão pelo que não gostou!

A filha entrara e sentara-se-lhe nos joelhos dizendo: «Mãezinha, não vá ter um presépio, com um Menino Jesus muito pequenino que faz milagres...». A mãe aconchegou-a a si e, fechando os olhos para esconder as lágrimas, respondeu num murmúrio: «Se Ele nos fizer um milagre...». E no íntimo do seio, evocava Deus, numa súplica de auxílio...

E o dia de Natal chegou. A Maria Eduarda agarrara-se mais à filha, procurou concentrar nela o desejo e a saudade pelo marido ausente e à hora do costume, ela lá está, trêmula e ansiosa, diante do aparelho. Ao menos esta ilusão, Senhor!

... que sorte... como estava hoje sem ruídos! O locutor português começou por dar as Boas-Festas. Oh! meu Deus, como parecia a Maria Eduarda — que semelhança! A seguir às Boas-Festas anunciou o conto de Natal, e a voz, que as condições atmosféricas tanto favoreciam naquele momento, começou assim: «A Maria Eduarda e o Rui eram casados há poucos anos, tinham uma filha adorável, vivendo todos os dias de um amor verdadeiro...». Ela, alicada, a olhar para o aparelho, gritando como se ele a pudesse ouvir: «Sim, Rui, és tu! O coração não me enganava...».

... que sorte... como estava hoje sem ruídos! O locutor português começou por dar as Boas-Festas. Oh! meu Deus, como parecia a Maria Eduarda — que semelhança! A seguir às Boas-Festas anunciou o conto de Natal, e a voz, que as condições atmosféricas tanto favoreciam naquele momento, começou assim: «A Maria Eduarda e o Rui eram casados há poucos anos, tinham uma filha adorável, vivendo todos os dias de um amor verdadeiro...». Ela, alicada, a olhar para o aparelho, gritando como se ele a pudesse ouvir: «Sim, Rui, és tu! O coração não me enganava...».

... que sorte... como estava hoje sem ruídos! O locutor português começou por dar as Boas-Festas. Oh! meu Deus, como parecia a Maria Eduarda — que semelhança! A seguir às Boas-Festas anunciou o conto de Natal, e a voz, que as condições atmosféricas tanto favoreciam naquele momento, começou assim: «A Maria Eduarda e o Rui eram casados há poucos anos, tinham uma filha adorável, vivendo todos os dias de um amor verdadeiro...». Ela, alicada, a olhar para o aparelho, gritando como se ele a pudesse ouvir: «Sim, Rui, és tu! O coração não me enganava...».

... que sorte... como estava hoje sem ruídos! O locutor português começou por dar as Boas-Festas. Oh! meu Deus, como parecia a Maria Eduarda — que semelhança! A seguir às Boas-Festas anunciou o conto de Natal, e a voz, que as condições atmosféricas tanto favoreciam naquele momento, começou assim: «A Maria Eduarda e o Rui eram casados há poucos anos, tinham uma filha adorável, vivendo todos os dias de um amor verdadeiro...». Ela, alicada, a olhar para o aparelho, gritando como se ele a pudesse ouvir: «Sim, Rui, és tu! O coração não me enganava...».

... que sorte... como estava hoje sem ruídos! O locutor português começou por dar as Boas-Festas. Oh! meu Deus, como parecia a Maria Eduarda — que semelhança! A seguir às Boas-Festas anunciou o conto de Natal, e a voz, que as condições atmosféricas tanto favoreciam naquele momento, começou assim: «A Maria Eduarda e o Rui eram casados há poucos anos, tinham uma filha adorável, vivendo todos os dias de um amor verdadeiro...». Ela, alicada, a olhar para o aparelho, gritando como se ele a pudesse ouvir: «Sim, Rui, és tu! O coração não me enganava...».

... que sorte... como estava hoje sem ruídos! O locutor português começou por dar as Boas-Festas. Oh! meu Deus, como parecia a Maria Eduarda — que semelhança! A seguir às Boas-Festas anunciou o conto de Natal, e a voz, que as condições atmosféricas tanto favoreciam naquele momento, começou assim: «A Maria Eduarda e o Rui eram casados há poucos anos, tinham uma filha adorável, vivendo todos os dias de um amor verdadeiro...». Ela, alicada, a olhar para o aparelho, gritando como se ele a pudesse ouvir: «Sim, Rui, és tu! O coração não me enganava...».

... que sorte... como estava hoje sem ruídos! O locutor português começou por dar as Boas-Festas. Oh! meu Deus, como parecia a Maria Eduarda — que semelhança! A seguir às Boas-Festas anunciou o conto de Natal, e a voz, que as condições atmosféricas tanto favoreciam naquele momento, começou assim: «A Maria Eduarda e o Rui eram casados há poucos anos, tinham uma filha adorável, vivendo todos os dias de um amor verdadeiro...». Ela, alicada, a olhar para o aparelho, gritando como se ele a pudesse ouvir: «Sim, Rui, és tu! O coração não me enganava...».

... que sorte... como estava hoje sem ruídos! O locutor português começou por dar as Boas-Festas. Oh! meu Deus, como parecia a Maria Eduarda — que semelhança! A seguir às Boas-Festas anunciou o conto de Natal, e a voz, que as condições atmosféricas tanto favoreciam naquele momento, começou assim: «A Maria Eduarda e o Rui eram casados há poucos anos, tinham uma filha adorável, vivendo todos os dias de um amor verdadeiro...». Ela, alicada, a olhar para o aparelho, gritando como se ele a pudesse ouvir: «Sim, Rui, és tu! O coração não me enganava...».

... que sorte... como estava hoje sem ruídos! O locutor português começou por dar as Boas-Festas. Oh! meu Deus, como parecia a Maria Eduarda — que semelhança! A seguir às Boas-Festas anunciou o conto de Natal, e a voz, que as condições atmosféricas tanto favoreciam naquele momento, começou assim: «A Maria Eduarda e o Rui eram casados há poucos anos, tinham uma filha adorável, vivendo todos os dias de um amor verdadeiro...». Ela, alicada, a olhar para o aparelho, gritando como se ele a pudesse ouvir: «Sim, Rui, és tu! O coração não me enganava...».

... que sorte... como estava hoje sem ruídos! O locutor português começou por dar as Boas-Festas. Oh! meu Deus, como parecia a Maria Eduarda — que semelhança! A seguir às Boas-Festas anunciou o conto de Natal, e a voz, que as condições atmosféricas tanto favoreciam naquele momento, começou assim: «A Maria Eduarda e o Rui eram casados há poucos anos, tinham uma filha adorável, vivendo todos os dias de um amor verdadeiro...». Ela, alicada, a olhar para o aparelho, gritando como se ele a pudesse ouvir: «Sim, Rui, és tu! O coração não me enganava...».

... que sorte... como estava hoje sem ruídos! O locutor português começou por dar as Boas-Festas. Oh! meu Deus, como parecia a Maria Eduarda — que semelhança! A seguir às Boas-Festas anunciou o conto de Natal, e a voz, que as condições atmosféricas tanto favoreciam naquele momento, começou assim: «A Maria Eduarda e o Rui eram casados há poucos anos, tinham uma filha adorável, vivendo todos os dias de um amor verdadeiro...». Ela, alicada, a olhar para o aparelho, gritando como se ele a pudesse ouvir: «Sim, Rui, és tu! O coração não me enganava...».

... que sorte... como estava hoje sem ruídos! O locutor português começou por dar as Boas-Festas. Oh! meu Deus, como parecia a Maria Eduarda — que semelhança! A seguir às Boas-Festas anunciou o conto de Natal, e a voz, que as condições atmosféricas tanto favoreciam naquele momento, começou assim: «A Maria Eduarda e o Rui eram casados há poucos anos, tinham uma filha adorável, vivendo todos os dias de um amor verdadeiro...». Ela, alicada, a olhar para o aparelho, gritando como se ele a pudesse ouvir: «Sim, Rui, és tu! O coração não me enganava...».

JORNAL DA MANHÃ

A actividade do Instituto de Medicina Legal durante o ano findo foi das mais valiosas, segundo se verifica no relatório dos seus trabalhos tornado agora publico. No importante estabelecimento efectuam-se todos os exames médicos-fisicos da comarca de Lisboa, que não pertencem a especialidades médicas, os de reconhecimento de letra, valores falsificados, exames toxicológicos e de

★ Em França está a proceder-se à instrução do novo processo referente ao triplo assassinio da família Drumond, próximo de Digne, e pelo qual foi condenado a morte o velho agricultor Dominiel. Ontem esteve a prestar declarações na Polícia Gustave Dominiel, filho do condenado, sobre quem recaeem suspeitas graves. O caso, como é natural, voltou a apaixonar a opinião publica francesa.

★ Em Genebra foi cometido um importante roubo de 250 quilos de ouro. Por tal motivo, todas as brigadas de gendarmaria e as Polícias helvéticas e francesas têm estado em grande actividade ao longo da fronteira. O roubo está avaliado em 114 milhões de francos, cerca de oito mil contos.

★ Um europeu desconhecido, que a Polícia julga ser um francês, deixou uma mala com três bombas de relógio, numa sala do Hotel Versa, em Tetuán, Marrocos espanhol. A mala foi descoberta a tempo e entregue à Polícia.

HOMENAGENS

(Continuação da 8.ª pag.)

foi descrevendo um retrato do capitão Godinho pelo seu neto mais velho.

A memória de D. Maria José

Mozinho de Albuquerque

Efectuam-se, hoje, na sede da Cruz Vermelha Portuguesa, uma sessão de homenagem à memória de D. Maria José de Albuquerque, filha de D. Maria de Albuquerque, sendo oradoras as sr.ª D. Madalena da Câmara Fialho, da Comissão de Acção Cultural e Propaganda da C. V. P.; e D. Maria da Cunha, da Ordem de Santa Catarina, enfermeira-chefe da instituição.

Ao presidente da Câmara Municipal de Mafra

O sr. capitão João Lopes, presidente da Câmara Municipal de Mafra, é hoje homenageado com um banquete promovido pela Comissão Concelhia da U. N. Junta de Freixosa local e Bombeiros Voluntários o qual terá lugar no salão nobre dos Paços do Concelho.

Também no próximo domingo, às 14 horas, haverá uma manifestação em que participará a população e representantes das actividades do concelho.

Ao sr. Domingos Cruz

Ao sr. Domingos Cruz, antigo deputado e que tem sido dirigente da Associação «A Voz do Operário» vai ser oferecido um banquete de homenagem, por iniciativa de uma comissão constituída pela sr.ª professora D. Adriana Adegas, João Regueira, subdirector da C. P., e José Maria Cordeiro. As inscrições podem ser feitas pelo telefone 849255.

Em Lisboa

Sob a presidência do sr. prof. Barbosa Soeiro, efectuam-se, ontem, a reunião da secção de Antropologia da Sociedade de Geografia. O secretário-geral, sr. dr. Julio Gonçalves, fez uma comunicação acerca de vários aspectos históricos e antropológicos do povoamento da Península Ibérica — invasões árabes e berberes, a qual foi comentada por aquele professor que pôs em relevo o valor e originalidade do tema apresentado. Tomaram também parte nos trabalhos da secção os srs. prof. Bruto da Costa, Camarante França e dr. Alvaro de Calves e Alexandre Sarmiento que foi felicitado pela sua recente eleição para membro titular da Sociedade de Antropologia de Paris.

★ O pagamento das pensões do Ministério de Mocambique, relativas ao mês de Janeiro corrente, efectuam-se nas seguintes datas: Em 25, n.º 1 a 1.000; em 26, n.º 1.001 a 2.000; em 27, n.º 2.001 e seguintes.

De 28 a 31 do corrente as pensões que não forem pagas nos dias designados.

No Estrangeiro

Em telegrama de Carachi, a A. N. I. informa que o ministro português do Povoamento, dr. Alvaro Laborinho, foi nomeado ministro de Portugal em Ceilão. O dr. Laborinho tenciona partir para Colombo no dia 24 e espera apresentar as suas credenciais antes do fim do mês. Apesar desta nomeação, continuará com o posto anterior. A Legação portuguesa já se encontra aberta em Colombo.

Agenda de Leitor

Efemérides

SEXTA-FEIRA, 20 de S. Sebastião Quarto-crescente, às 22 h. e 58 m. 1555 Men de São derrotado na batalha de Uruguimiri, no Rio de Janeiro, os franceses de Villegagnon aliados com os tambois.

Farmácias de serviço esta noite

TURNO F — Sousa, estrada de Benfica, 420-433 (Tel. 730027); Leal de Motos, rua da Moura, 33-35, Caridade (Tel. 709181); Baptista, rua Francisco Tomás da Costa, 3-C (Tel. 718784); Patuleia, Herdeiros, rua do Lumiar, 122-124 (Tel. 779332); Rio de Janeiro, aven. Rio de Janeiro, 4-C (Tel. 721409); Alentejo, avenida da Igreja, 29-B (Tel. 777282); Belmar, avenida de Roma, 33-A (Tel. 776314); Central do Acreiro, avenida de Paris, 2-2/A (Tel. 720830); Cardote, Lda, avenida Visconde de Amor, 28-A/17-C, junto à avenida da República (Tel. 772291); Bairro Azal (Do), aven. Ressoano Garcia, 7-A (Tel. 514511); Souza Martins, rua Sousa Martins, 25 (Tel. Matadouro) (Tel. 534563); Asencio, rua 27, 11, Beira Mar (Tel. 534563); Marvila (De), rua Direita de Marvila, 25 (Tel. 391612); Mariz, calçada da Picheleira, 140-B/C (Tel. 720703); Brito, rua do Vale do Santo António, 7-9 (Tel. 840125); Anunciada, rua do Vigário, 74 (Tel. 23769); Progressiva, rua de Santa Marinha 18 (Tel. 847919); Dimar, Lda, rua Conde de Monsaraz, 17-B (Tel. 845533); Oriente, rua Lopes, 120 (Tel. 843831); Aliança, avenida Alameda Reis, 145-B/C (Tel. 50487); Magalhães, avenida Alameda Reis, 4-D a 4-F (Tel. 49479); Vieira Borges, rua Alexandre Hercúlio, 20 (Tel. 48036); Imperial, rua General Taborda, 28 (Tel. 41031); Porfírio, rua Francisco Metros, 59 (Tel. 693349); Aurélio Rego, calçada da Estrela, 139 (Tel. 661758); Bon Sucesso, rua Bartolomeu Dias, 43 (Tel. 61464); Lúcia Almeida, calçada da Ajuda, 170 (Tel. 637318); Santo Amaro, rua Filinto Elísio, 29-A/B (Tel. 637070); Probidora, rua de Alcanthara, 15-A/B (Tel. 638359); Infante Santo, rua do Olival, 208 (Tel. 660092); Marcos do Nascimento, calçada Marques de Abrantes, 36-A (Tel. 664238); Andrade, Lda, rua do Alcorim, 125 (Tel. 23446) — A —; Oliveira, rua D. Pe-

dro V, 123-125 (Tel. 27880); Silva Carvalho, rua dos Fanqueiros, 126 (Tel. 26575); Almeida, rua da Moura, 223 (Tel. 22017 e 30303) — A —.

Boletim meteorológico

Tempo propício para amanhã — Ceu com algumas nuvens a published, vento b-nor-oc de Norte; agitação, Pequena subida de temperatura.

Marés de amanhã

QUARTO CRESCENTE — Praia-mar às 8.42 e 21.23. Baixa-mar às 2.20 e 15.00.

AGORA

APRESENTA O T.R.3

COM MAIS 5 H. P. DO QUE O MODELO ANTERIOR

REPRESENTANTES NO NORTE: ELECTRO CENTRAL VULCANIZADORA, Lda — PORTO

Quarto ou C. Jantar 1.800\$ a 3.300\$. Rusticas 2.800\$ a 4.000\$ Q Anne 4.600\$ a 6.000\$. Tr. Pêis de Deus, 69, ao Camões (Tel. 24294.

VENCENDO DO "CRITÉRIO DOS RALLIES - 1955"

ORGANIZAÇÃO DO ARTE E SPORT

O FAMOSO CAMPEÃO MIKE HAWTHORN

(VENCEDOR DE «LE MANS»)

DISSE:

«AFIRMEI UM DIA QUE O «T. R. 2» ERA O MELHOR CARRO DE DESPORTO DO MUNDO, DENTRO DO SEU PREÇO. AGORA O «T. R. 2» FOI BATIDO PELO «T. R. 3»

Conde Barão Lda

AVENIDA 24 DE JULHO 62 — LISBOA

